

**SEGUNDO CICLO DE ESTUDOS
CRIMINOLOGIA**

**Ofensores Violadores e Ofensores Abusadores Sexuais
de Menores: Estudo comparativo através do TriPM,
BIS/BAS e CAPP-SR**

Sofia Freire Pires Bidarra de Almeida

M

2021

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade do Porto para
obtenção do grau de Mestre em Criminologia elaborada sob orientação do
Professor Doutor Pedro Manuel Rocha Almeida



À minha família e amigos por me tornarem em quem sou.

RESUMO

A literatura tem caracterizado extensamente os diferentes perfis de criminosos sexuais, revelando que diferem no método de procura e seleção das vítimas e no estilo predatório. Apesar da investigação apresentar variados estudos com esta amostra, esta comparação ainda não foi muito explorada à luz das perturbações de desinibição e da psicopatia. Dada a importância destes construtos para a compreensão do perfil de ofensores sexuais, esta dissertação teve como objetivo central comparar um grupo de ofensores abusadores sexuais de menores e outro grupo de ofensores violadores, à luz de três instrumentos, CAPP-SR (Sellbom & Cooke, 2019), TriPM (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009) e BIS/BAS (Carver & White, 1994). Este estudo faz parte de um esforço mais alargado de validação da escala CAPP-SR para a língua portuguesa e é o primeiro estudo onde esta escala foi passada a ofensores sexuais. Foi realizada uma investigação quantitativa, caracterizada por duas amostras: uma amostra de ofensores abusadores sexuais de menores, composta por 48 participantes e outra amostra de ofensores violadores, composta por 35 participantes, pertencentes a quatro estabelecimentos prisionais do Norte de Portugal. Os instrumentos demonstraram uma boa consistência interna, bem como correlações esperadas, tendo apenas ocorrido uma anomalia dos dados, no que respeita à falta de correlação entre Ousadia e Malvadez. Os resultados obtidos sugerem diferenças entre os dois grupos de ofensores sexuais, nos domínios BIS, BAS-FS, Ousadia, Desinibição e *Emotional*. Relativamente à comparação entre o grupo de ofensores sexuais e a população geral, encontraram-se diferenças nos domínios Desinibição, Ousadia, *Dominance* e *Self*. Os resultados serão discutidos à luz de investigações empíricas centradas nesta temática, avançando-se com possíveis interpretações para os resultados.

Palavras-Chave: Abusador Sexual de Menores; Violador; Psicopatia; CAPP-SR; TriPM; BIS/BAS.

ABSTRACT

The literature has been characterizing extensively the different profiles of sexual offenders, revealing that they differ in the method of looking and selecting the victims and in their predatory style. Although there have been various studies exploring this sample, it hasn't been done a lot in the light of disinhibitory disturbances and psychopathy. Given the importance of these constructs to the comprehension of sexual offenders' profiles, this dissertation aims to compare a group of offenders that have sexually abused minors and a group of rapist offenders, in the light of three instruments, CAPP-SR (Sellbom & Cooke, 2019), TriPM (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009) and BIS/BAS (Carver & White, 1994). This investigation is part of a larger effort to validate the CAPP-SR scale to the Portuguese language and it's the first study where this scale has been used with sexual offenders. A quantitative research was conducted, characterized by two samples: one of offenders who've sexually abused minors, composed of 48 participants and another of rapist offenders, composed of 35 participants, belonging to four prison establishments of the north of Portugal. The instruments show a good internal consistency, as well as the expected correlations between their domains, having just occurred a data anomaly referring to the lack of correlation between Boldness and Meanness. The results suggest differences between the two samples in the BIS, BAS-FS, Boldness, Disinhibition and Emotional domains. Regarding the comparison between the group of offenders and the general population, there were differences in the Disinhibition, Boldness, Dominance and Self domains. The obtained results will be discussed in the light of empirical investigations focused on this subject, advancing with possible interpretations for the results.

Kewywords: Sexual Abuser of Minors; Rapist; Psychopathy; CAPP-SR; TriPM; BIS/BAS.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro obrigada dirige-se ao Professor Doutor Pedro Almeida, por ter aceitado ser o meu guia e por todos os conhecimentos que me transmitiu.

I would also like to thank Professor Cooke and Professor Sellbom for letting me borrow CAPP-SR to conduct my study and allow me to participate in its translation.

Obrigada aos estabelecimentos prisionais de Paços de Ferreira, Santa Cruz do Bispo – Masculino, Vale do Sousa e Custóias, por me terem acolhido e ajudado em todo o processo de recolha de dados.

Um obrigado gigante à minha bateria e companheira, Inês. Sem ti não chegaria aqui tão sã. Obrigada por todas as noites e dias que dedicaste a apoiar-me, dou-te permissão para dançar agora. Voa meu cisne negro.

Às minhas amigas da família laranja, Carlota e Cláudia, obrigada por me trazerem sempre de volta às bases.

Aos meus colegas, Silviya e Simão, que tiveram lá sempre para ajudar e acompanhar, nesta jornada. Para sempre guardas do poder.

Aos meus pais e irmãos por nunca me deixarem desistir.

Por último, um obrigado aos que fazem parte de mim, Carolina, Shol, Bárbara, Bernardo, Joana e a minha madrinha Shel, por serem o meu apoio todos os dias.

Lista de Acrónimos e Abreviações

AMA	<i>American Medical Association</i> (Associação Médica Americana)
APA	<i>American Psychiatric Association</i> (Associação Americana de Psiquiatria)
ASM	Abuso Sexual de Menores
BAS-D	<i>Behavioral Activation Scales-Drive</i>
BAS-FS	<i>Behavioral Activation Scales-Fun Seeking</i>
BAS-RR	<i>Behavioral Activation Scales-Reward Responsiveness</i>
BIS/BAS	<i>Behavioral Inhibition/Behavioral Activation Scales</i>
CAPP-SR	<i>Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality-Self-Report</i>
CI	Consentimento Informado
CPP	Código Penal Português
DGRSP	Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
DGS	Direção Geral de Saúde
DP	Desvio-Padrão
EP	Estabelecimentos Prisionais
M	Média
MTC:R1	<i>Massachusetts Treatment Center</i>
MTC:R3	<i>Massachusetts Treatment Center: Rapist Typology 3</i>
OMS	Organização Mundial de Saúde
OVNS	Ofensores Violentos Não Sexuais
PCL-R	<i>Psychopathy Checklist-Revised</i>
PAP	Perturbação Antissocial da Personalidade
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Science</i>
TriPM	<i>The Triarchic Psychopathy Measure</i>

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	2
ABSTRACT.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
Lista de Acrónimos e Abreviações.....	5
ÍNDICE GERAL.....	6
ÍNDICE DE TABELAS.....	8
ÍNDICE DE ANEXOS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	12
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
1. Breve enquadramento: Questões conceptuais e etiológicas.....	12
1.1. Violadores.....	12
1.2. Abusadores Sexuais de Menores.....	14
2. Tipologias de agressores sexuais.....	17
2.1. Violadores.....	18
2.2. Abusadores sexuais de menores.....	23
3. Importância da psicopatia para compreender ofensas sexuais.....	26
3.1. Violadores.....	27
3.2. Abusadores Sexuais de Menores.....	28
3.3. Violadores <i>versus</i> Abusadores Sexuais de Menores.....	29
4. Importância dos modelos inibição/desinibição para compreender ofensas sexuais.....	29
4.1. Violadores.....	30
4.2. Abusadores Sexuais de Menores.....	31
CAPÍTULO II.....	33
ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA.....	33

1. Objetivos gerais e específicos.....	33
2. Hipóteses do estudo.....	33
3. Descrição e Fundamentação da Metodologia.....	34
3.1 Caracterização do estudo.....	34
3.2 Constituição da amostra.....	34
3.3 Instrumentos e Operacionalização das variáveis do estudo.....	35
1. CAPP-SR.....	35
2. TriPM.....	37
3. BIS/BAS.....	39
4. Procedimentos.....	41
4.1 Processo de recolha de dados.....	41
4.2 Procedimentos de Análise de Dados.....	42
4.2.1 Análise Estatística Descritiva.....	42
4.2.2 Associações entre escalas.....	43
CAPÍTULO III.....	44
ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS.....	44
1. Descrição das amostras.....	44
2. Testes de consistência interna.....	46
3. Análise de convergência entre escalas.....	47
4. Teste de hipótese do Grupo 1.....	48
5. Teste das hipóteses do Grupo 2.....	49
CAPÍTULO IV.....	51
ESTUDO EMPÍRICO: DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO.....	51
Potencialidades e implicações para investigações futuras.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
ANEXOS.....	70

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Análise descritiva das variáveis sociodemográficas da amostra total.....	44
Tabela 2. Análise descritiva das características sociodemográficas de acordo com o tipo de crime.....	45
Tabela 3. Valores dos domínios BIS/BAS.....	46
Tabela 4. Valores dos domínios TriPM.....	46
Tabela 5. Valores dos domínios CAPP-SR.....	47

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Termo de Consentimento Informado.....	70
Anexo 2. Questionário BIS/BAS.....	72
Anexo 3. Questionário TriPM.....	74
Anexo 4. Questionário CAPP-SR	77
Anexo 5. Modelo <i>Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality</i> (CAPP).....	81
Anexo 6. Correlações entre os domínios dos instrumentos.....	82
Anexo 7. Teste das hipóteses do Grupo 1.....	83
Anexo 8. Teste das hipóteses do Grupo 2.....	84

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, tem como objetivo central comparar um grupo de ofensores abusadores sexuais de menores e outro grupo de ofensores violadores, à luz de três instrumentos, *Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality-Self-Report*, *The Triarchic Psychopathy Measure* e *Behavioral Inhibition/Behavioral Activation Scales*.

Os crimes sexuais inserem-se no capítulo V «Dos Crimes contra a Liberdade e Autodeterminação Sexual» do Código Penal Português. A violação é definida no artigo 164º e implica o constrangimento a um ato sexual por meio de «violência» ou «ameaça grave». O abuso sexual de menores está contemplado nos artigos 171º, 172º e 173º e não pressupõe uso de ameaças ou força, mas a incapacidade do menor se autodeterminar.

A literatura tem caracterizado extensamente os diferentes perfis de criminosos sexuais. Os abusadores sexuais de menores tendem a ser muitas vezes direcionados a satisfazer desejos e impulsos, ou têm uma necessidade de intimidade, que não a sexual, que procuram satisfazer (Garofalo, Bogaerts, & Denissen, 2018). Apresentam-se, muitas vezes, como indivíduos socialmente desajustados (Shechory & Ben-David, 2005; Mandeville-norden & Beech, 2004; Robertiello & Terry, 2007) e são muito menos propensos a agredir as suas vítimas (Shechory & Ben-David, 2005), comparando com os ofensores violadores. Por outro lado, os ofensores violadores, apresentam-se como mais hostis (Shechory & Ben-David, 2005) e mais agressivos no seu ato (Shechory & Ben-David, 2005; Carvalho & Nobre, 2019), comparativamente aos abusadores.

A psicopatia e as perturbações de desinibição aparecem de forma recorrente como um fator importante para compreender e prever violência sexual (Cohen, Garofalo, Boucher, & Seghorn, 1971; Quinsey & Lalumière, 1995; Kettleborough & Meridan, 2017). No entanto, apesar de existirem bastantes estudos que procuram diferenciar estes grupos de ofensores sexuais, não existem muitos que o façam através dos instrumentos CAPP-SR e BIS/BAS. Assim, esta dissertação explorou como estes instrumentos podem contribuir para a caracterização de ofensores violadores e abusadores sexuais de menores.

Este estudo faz parte de um esforço mais alargado de validação da escala CAPP-SR para a língua portuguesa europeia e é o primeiro estudo onde esta escala foi passada a ofensores sexuais.

A estrutura do trabalho compõe-se por quatro capítulos principais, de onde emergem subcapítulos. No primeiro capítulo é realizado um enquadramento teórico das principais temáticas e construtos tratados na tese, no segundo capítulo é discutida a metodologia, no terceiro constam os resultados da investigação. Por fim, a dissertação terminará com a discussão dos resultados, onde se irão apresentar sugestões para a interpretação dos dados que se obtiveram, assim como, discutindo-se as limitações do trabalho e recomendações para estudos futuros

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Breve enquadramento: Questões conceptuais e etiológicas

1.1. Violadores

Em termos de enquadramento legal, a violação insere-se no capítulo V «Dos Crimes contra a Liberdade e Autodeterminação Sexual» do Código Penal e é definido no artigo 164º, como um comportamento que implica o constrangimento a um ato sexual por meio de «violência» ou «ameaça grave». Para Koss (1992), a violação legal foi definida como penetração peniana-vaginal forçada sem consentimento. No entanto, as agressões sexuais variam ao longo de várias dimensões, incluindo os comportamentos sexuais especificados, os critérios para estabelecer o não consentimento, os indivíduos especificados e de acordo com quem pode decidir se uma agressão sexual ocorreu (Muehlenhard, Powch, Phelps, & Giusti, 1992).

Groth e Burgess (1977) referem que violação se refere a relações sexuais com outra pessoa, obtidas através de força física, ou de intimidação. Violação usualmente refere-se a sexo contra a vontade da vítima. Fisicamente, a violação pode ser definida como uma penetração forçada da vagina, boca ou ânus da vítima com um pénis, dedo, ou outro objeto, pelo ofensor. Se uma pessoa é forçada a penetrar alguém no ânus, boca ou vagina com seu pénis, isso também é considerado como violação (Polaschek, Ward & Hudson, 1997).

Já psicologicamente, a violação é conceptualizada como violência sexualizada em que o ofensor deseja dominar ou controlar a vítima, ao invés de experienciar realização erótica (Pardue & Arrigo, 2008). A violação é um comportamento ilegal, no entanto, devido à confusão à volta do conceito de desvio e a falta de dados clínicos relativamente à psicologia da violação, o raciocínio relativo à inclusão, deste comportamento, na categoria de desvio sexual, não é claro. Ao invés de ser entendido como resultado de determinantes psicológicas, a violação é muitas vezes vista como um produto de fatores situacionais (Groth & Burgess, 1977).

Existem várias visões diferentes desta forma de violência sexual. Alder (1987), refere que a raiva e violência têm maior enfoque na violação do que a componente sexual, postulando que a violação é um padrão de comportamento violento antissocial e não um mal ajustamento sexual. Adicionalmente, Fisher e Rivlin (1971), sugerem que este

comportamento é uma expressão de hostilidade. Por sua vez, Groth, Burgess e Holmstrom (1977) referiram que a violação é um meio para expressar a dominância ou raiva e hostilidade, e Malamuth, Check e Briere (1986) concluem que a agressão no ato de violação é um estímulo sexual para alguns indivíduos, sendo que homens reportaram excitação devido a forçarem uma mulher a atos sexuais.

As concepções modernas da violação reconhecem a sua dualidade, isto é, que envolve ambas as componentes agressivas e sexuais. No entanto, a maioria das concepções enfatizam uma componente, enquanto minimizam a outra. Por exemplo, na perspectiva feminista há uma ênfase na agressão mostrada pelo homem contra a mulher, durante a violação. Em contraste, a perspectiva clínica tradicional focou-se na patologia sexual do violador, não dando ênfase na hostilidade que os homens mostram para com as mulheres (Barbaree, Seto, Serin, Amos, & Preston, 1994).

Estudos revelaram que o violador é mais provável de ter uma história de crimes não sexuais, do que de crimes sexuais. Logo, ao contrário da crença de que o violador é sexualmente motivado, evidências sugerem que a violação pode ser mais apropriadamente concebida como uma ação violenta num reportório de outros comportamentos violentos não sexuais (Alder, 1987). Deste modo, os violadores são mais apropriadamente compreendidos como agressivos, ao invés, de sexualmente perturbados.

Posto isto, violadores não parecem ser motivados por uma necessidade sexual predominante. Ao invés, o sexo poderá ser derivado de necessidades não sexuais como raiva e poder (Groth & Burgess, 1977). Groth, Burgess, e Holmstrom (1977) e Holmstrom e Burgess (1980), por exemplo, enfatizaram o poder e a raiva em oposição ao motivo sexual. Relatam que, embora na violação se inclua sempre poder, raiva e sexualidade, a sexualidade nunca foi o tema dominante. Concluíram que a violação era o uso da sexualidade para expressar problemas de poder e raiva. Violação, segundo Groth, Burgess, e Holmstrom (1977) é então um ato pseudo-sexual, um padrão de comportamento sexual que está muito mais relacionado com *status*, controlo, agressão e dominância, que com a satisfação sexual. É o comportamento sexual no serviço de necessidades não sexuais (Groth, Burgess, e Holmstrom, 1977) .

Da mesma forma, Prentky e Knight (1991) sugeriram, ainda, que sentimentos de inadequação social e sexual podem motivar um violador a tentar superar esses sentimentos através de afirmar controlo e domínio na área mais potencialmente ameaçadora para uma mulher – comportamento sexual. Lisak e Roth (1990) relataram que violadores não presos em comparação com um grupo de controlo, mostraram mais hostilidade em relação às mulheres,

sentiram-se mais traídos e enganados pelas mulheres e tinham mais forte dominância e motivos de poder para se envolverem em atividades sexuais. Darke (1990) também propôs que todas as agressões sexuais são perpetradas para satisfazer o desejo do ofensor e para aumentar os sentimentos de poder.

Prentky e Knight (1991) e Barbaree e Marshall (1991) sugeriram que o poder e fatores sexuais não são separados um do outro, e que a raiva e fatores sexuais sádicos também se sobrepõem. Na realidade, fatores sexuais são inerentes a todos os crimes de violação, podendo esta ser a razão pela qual os investigadores tendem a concentrar-se noutros fatores, como poder e raiva, para discriminar um tipo de violação de outro.

Os violadores são geralmente vistos como um grupo fundamentalmente distinto dos agressores sexuais de menores (por exemplo, Grubin & Kennedy, 1991), apesar da arbitrariedade do critério de idade legal que distingue vítimas adultas, de menores e a heterogeneidade dentro de cada população de agressores (Polaschek, Ward, & Hudson, 1997).

Os ofensores violadores, apresentam-se como sendo mais hostis (Shechory & BenDavid, 2005) e mais agressivos no seu ato (Shechory & Ben-David, 2005; Carvalho & Nobre, 2019), comparativamente aos abusadores sexuais de menores. Voltamo-nos para este grupo na secção seguinte.

1.2. Abusadores Sexuais de Menores

Em termos de enquadramento legal, os crimes sexuais contra menores, inserem-se no capítulo “Dos Crimes contra a Liberdade e Autodeterminação Sexual” (Artigos 171º ao 176º) do Código Penal Português (CPP; Gonçalves, 2007) e dividem-se em: abuso sexual de crianças (i.e.: praticar ato sexual de relevo com ou em menor de 14 anos, ou o levar a praticá-lo com outra pessoa), abuso sexual de menores dependentes, atos sexuais com adolescentes, recurso à prostituição de menores, lenocínio de menores, pornografia de menores e aliciamento de menores para fins sexuais.

A OMS (*Organização Mundial de Saúde*) e *International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect* (2006) definem o abuso sexual de menores (ASM) como a prática de uma atividade de cariz sexual que envolve crianças incapazes de dar consentimento informado, devido à sua idade. Nestas atividades incluem-se a penetração anal, oral ou vaginal, bem como o toque genital, anal ou mamário, entre outras (Johnson, 2004), sendo que, o abuso sexual de crianças não pressupõe necessariamente o uso de ameaças ou força, mas a incapacidade do menor se autodeterminar sexualmente (Machado, 2008). De igual forma, o

CPP caracteriza este ato sexual como um ato contra uma criança, que cause prejuízo à mesma, podendo envolver não apenas a relação sexual, como também o toque, a exposição de órgãos genitais e material pornográfico, conversas com conteúdo sexual explícito, ofensas à vergonha, *voyeurismo* e incesto ou prostituição de menores (Gonçalves, 2007).

Burton e Myers (1992) referem que, embora o ASM seja um termo muito usado, não existe uma definição universalmente aceite. Clinicamente, comportamentos sexualmente abusivos têm sido abertamente definidos para incluir: nudez, exposição genital, beijos, despir, entre outros. A definição recomendada pelos AMA (*American Medical Association*) é a exploração da criança para gratificação ou ganho do adulto. Os padrões para o que é considerado apropriado no comportamento sexual variam entre culturas e grupos socioeconómicos e entre famílias dentro desses grupos. Abuso de crianças refere-se tipicamente àqueles comportamentos que incluem apenas os comportamentos que são aceites como desviantes pelas comunidades padrão (Burton & Myers, 1992).

Tem sido sugerido que os ASM constituem um grupo heterogéneo relativamente a variadas características psicológicas e criminológicas (Turner, Rettenberger, Lohmann, Eher, & Briken (2014). Indivíduos que pratiquem este crime são descritos como abusadores sexuais de crianças, terminologia que se baseia num constructo social e jurídico e não numa condição do foro clínico (Caeti, 2009). Os ASM tendem a ser muitas vezes direccionados a satisfazer desejos e impulsos, ou a necessidade de intimidade que procuram satisfazer, sem ser a sexual (Garofalo, Bogaerts, & Denissen, 2018). Apresentam-se muitas vezes como indivíduos socialmente desajustados (Shechory & Ben-David, 2005; Mandeville-norden & Beech, 2004; Robertiello & Terry, 2007) e são muito menos propensos a agredir as suas vítimas (Shechory & Ben-David, 2005), comparando com os ofensores que cometeram uma violação. No artigo de Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy, e De Barros (2009) é referido que, segundo os dados do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, os ofensores sexuais são indivíduos que podem pertencer a qualquer classe socioeconómica, raça, grupo étnico ou religião. A grande maioria não tem um comportamento criminal específico. Tipicamente, o seu grau de escolaridade é o ensino médio, estando empregados e apenas 4% sofrem de doença mental severa (Habigzang, Koller, Azevedo, & Machado, 2005; Becker, 1994). Somente um pequeno número de abusadores sexuais de crianças agem sem planeamento (Serafim et al., 2009).

Abusador sexual de menores é, também, definido por Groth e Birnbaum (1978) como um adulto relativamente novo que, ou esteve sexualmente atraído apenas a pessoas mais novas, ou que vai ao encontro de uma criança como resultado de stressores na sua vida sexual

adulta ou relação marital. Estes tendem a ser casados ou a viver em união de facto (Seto, Babchishin, Pullman, & McPhail, 2015), podem pertencer a qualquer classe económica, possuem um coeficiente de inteligência normal (Quinsey & Lalumière, 1995). Estes agressores recorrem mais frequentemente à manipulação do que à força física (Rice & Harris, 2002; Taveira, Frazão, Dias, Matos, & Magalhães, 2009) e os atos mais praticados neste tipo de abusos são o tocar o corpo da criança (39%), a penetração vaginal (28,6%) e a penetração anal (24,7%) (Habigzang et al., 2005). Estes abusadores são, na maioria das vezes, o pai (Furlan, Tank, Schnell, & Cyrino, 2011; Romero, 2007) o padrasto (Milner, 1998) ou os irmãos da criança (Morrill, 2014; Quadara, Nagy, Higgins, & Siegel, 2015; Stathopoulos, 2012).

É importante denotar que os termos ASM e pedófilo não são sinónimos. Isto é, pedófilo implica que o indivíduo tenha uma perturbação mental diagnosticável, enquanto que a designação de abusador de crianças sexual é mais geral em termos de abranger o mal-uso sexual de crianças (Burton & Myers, 1992). Os pedófilos sofrem de uma parafilia, que se caracteriza por um distúrbio do desenvolvimento da identidade sexual, caracterizado por um “interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física” (APA, 2014, p.685). Os conceitos podem sobrepor-se, ou seja, um abusador de crianças pode ser pedófilo, e vice-versa. No entanto, há abusadores de crianças que podem não ter um interesse sexual forte em crianças (ou seja, não são pedófilos) e, também, há pedófilos que nunca chegam a abusar de crianças (ou seja, não são abusadores sexuais de crianças) (Feelgood & Hoyer, 2008). O termo abusador de crianças, é usado para uma pessoa que já teve contacto sexual com uma criança (Feelgood & Hoyer, 2008), enquanto, como referido acima, os pedófilos podem nunca ter contacto com crianças.

Algumas tentativas de explicar o comportamento destes indivíduos residem nas suas experiências na infância, como: pobre socialização, estilos parentais particularmente violentos, que facilitam o uso de agressão, tal como impedir interações sociosexuais apropriadas. Isto resulta em níveis baixos de confiança e sentimentos fortes de hostilidade e ressentimento. Este comportamento antissocial na infância leva a uma maior probabilidade de que o adulto cometa abusos sexuais (Marshall & Barbaree, 1990; Ward & Hudson, 1998).

Ainda, devido à sua falta de autoestima, o indivíduo que não consegue desenvolver uma relação com uma mulher pode usar a agressividade ou sexo com crianças como uma forma de provar a si próprio que é masculino (Ward & Hudson, 1998). Check e Malamuth

(1986), consideraram os efeitos possíveis que a exposição à pornografia poderá ser uma forma de aprendizagem de violência contra mulheres, sendo que essa mesma análise pode ser aplicada a pornografia que envolve menores. Ou seja, na pornografia de menores, as crianças são retratadas como sentindo prazer na prática sexual, isto leva a que os indivíduos criem distorções cognitivas de apoio a esta prática. Isto porque o uso continuado de matérias desviantes, quer seja pornografia infantil ou erótica relacionada à pornografia infantil fortalece a excitação desviante e os interesses (Johnson, 2020). O *U.S. Department of Justice* (2010) apoia a conclusão de que o visionamento repetido de imagens sexuais desviantes, estar numa comunidade de pornografia infantil ou ofensores sexuais, e a eventual normalização deste comportamento, aumenta o risco de os ofensores virem a abusar sexualmente crianças. Posto isto, a questão que se levanta é referente às distorções cognitivas, isto é, racionalizações ou desculpas, criadas pelo ofensor para continuar o seu comportamento desviante, que poderão servir como permissão para ter contacto sexual com menores (Kettleborough & Meridan, 2017) e fortalecer as suas crenças de que o seu comportamento é de alguma forma apropriado (Ciardha & Ward, 2013).

Álcool também aparece como um fator que contribui para que ocorra a ofensa sexual, visto que indivíduos que são normalmente inibidos por uma agressão, falham a inibição quando estão alcoolizados (Barbaree, Marshall, Yates, & Lightfoot, 1983). Por fim, embora a biologia possa definir a tarefa de desenvolvimento, a necessidade de se criar inibições sociais é de importância crítica. Logo, a primeira tarefa de desenvolvimento para os indivíduos na sua adolescência é inibir a agressão num contexto sexual (Ward & Hudson, 1998).

2. Tipologias de agressores sexuais

Os agressores sexuais são um grupo de delinquentes muito heterogéneo, não sendo possível definir perfis de personalidade destes agressores (Vásquez, 2005). No entanto, existem características e semelhanças entre eles que permitem a sua separação em diferentes tipologias. Estas tipologias acabam por não ser 100% satisfatórias, porque por um lado como há uma grande diversidade de características destes delinquentes não se torna possível formar tipologias estanques e, por outro lado, devido a que os dados que serviram para o estabelecimento delas serem recolhidos junto de agressores sexuais, que são, muitas vezes, manipuladores e propensos a mentir em cenários de avaliação psicológica (González, Martínez, Leyton, & Bardi, 2004). No entanto, estas vêm ajudar-nos a compreender melhor o ato que pretendemos estudar, bem como o seu autor. Assim, com a divisão destes agressores

por tipologias é possível identificar e caracterizar estes sujeitos permitindo prevenir e/ou intervir de forma mais adequada às suas características e auxiliar investigação criminal (por exemplo ao nível da identificação de um determinado sujeito e do seu comportamento sexual bem como na avaliação da reincidência futura nestes crimes) e, também, ajudar a alojar estas populações de forma mais adequada nos estabelecimentos prisionais (Robertiello & Terry, 2007; Vieira, 2010).

De seguida, serão apresentadas as principais tipologias que foram surgindo ao longo do tempo para cada grupo de ofensores sexuais, desenvolvendo-se principalmente aquelas que se foram assumindo como mais promissoras neste âmbito.

2.1. Violadores

Entre as primeiras taxonomias de violadores está o modelo de Kopp (1962) que inclui dois tipos e baseia-se em características de personalidade. Um dos tipos de agressores expressaria sentimentos de culpa após as suas ofensas, e o seu comportamento seria considerado inconsistente com a sua personalidade. Em contraste, o segundo tipo, possuía mais características de personalidade antissocial e tinha pouca ou nenhuma culpa depois de cometer violação.

Um dos sistemas que evoluiu de uma perspetiva psicodinâmica e incorporou dados clínicos sobre o ofensor e as suas ofensas, foi o sistema original desenvolvido no MTC:R1. Este, discutido em Cohen et al. (1971) foi conceptualizado envolvendo uma consideração simultânea entre a natureza da agressão na ofensa, e a motivação do ofensor para cometer a ofensa. O tipo “compensatório”, segundo os autores, violava como uma defesa contra sentimentos de inadequação e para restaurar sentimentos de competência ou poder. A agressividade na ofensa não seria mais do que a necessária para fazer com que a vítima se comportasse como o agressor queria. A ofensa era planeada e ocorria a partir de uma fantasia preexistente. O tipo “exploratório” era descrito como cometendo ofensas impulsivas que eram mais determinadas por uma oportunidade. A agressão ocorria com o mesmo objetivo do tipo anterior. O tipo “raiva deslocada” era caracterizado como ofendendo num estado de raiva, frequentemente manifestando raiva gratuita, com o objetivo de magoar, humilhar e degradar a vítima. Finalmente, o tipo “agressão-sexual-difusiva” era também altamente agressivo, mas diferia do anterior, no sentido em que os seus sentimentos sexuais e de agressão eram hipotetizados como aparecendo de uma forma sinérgica. Em suma, as diferenças entre estes

quatro subtipos de violadores prendiam-se nas suas motivações sexuais e de agressividade (Rosenberg et al., 1988).

A tipologia de Groth, Burgess, e Holmstrom (1977) incluiu subtipos e focou-se sobre os fatores de poder, raiva e sexualidade. Os tipos propostos são “violador de poder”: o ofensor procura poder e controlo sobre a vítima através de intimidação. Para Groth e Birnbaum (1979), os “violadores de poder” são categorizados exercendo força, autoridade e controlo sobre as suas vítimas como forma de acomodar os seus sentimentos de inadequação e uma estratégia para afirmar a sua masculinidade. A quantidade da força usada por violadores de poder é mínima. Estes violadores não têm intenção de ferir as suas vítimas e exercem apenas a violência necessária para realizar as suas agressões. Podem experimentar ansiedade, excitação e prazer antecipado antes de agressões; no entanto, muitas vezes são desapontados após os seus ataques, porque os ataques não alcançam as suas expectativas ou satisfazem as suas necessidades (Groth & Birbaum, 1979).

Há ainda dois subtipos de “violadores de poder”: “segurança de poder” e “poder-assertivo”. Os “violadores de segurança de poder” usam a força mínima, muitas vezes elogiam aqueles a quem prejudicam, pedem avaliações do seu desempenho, e até mesmo desculpas depois das suas agressões (Graney & Arrigo, 2002). Tentam superar a insatisfação consigo mesmos exercendo controlo físico e força sobre as suas vítimas (Groth, Burgess, & Holmstrom, 1977). Portanto, as suas agressões sexuais servem como uma forma de tranquilizá-los da sua masculinidade e para compensar a sua falta de uma autoimagem positiva; em contrapartida, os “violadores de poder-assertivo” não se envolvem em assédio sexual para compensar os seus sentimentos de autoestima baixa ou ausente. Em vez disso, os seus ataques servem de base para afirmar a sua masculinidade (Douglas, Burgess, Burgess, & Ressler, 2006; Hazelwood & Burgess, 1987). Mais violentos do que os primeiros, estes usam uma quantidade moderada de força e podem atacar as suas vítimas repetidamente durante a duração de uma ofensa. Ao contrário dos “violadores de segurança de poder”, estes agressores mostram pouca preocupação para aqueles a quem ferem, exercitando abuso físico e verbal.

Retornando à tipologia de Groth, Burgess, e Holmstrom (1977), o terceiro subtipo é o “violador de poder-assertivo”: a violação é uma expressão da sua virilidade e dominância, é uma reflexão da inadequação que ele experiencia em termos do seu senso de identidade e efetividade; “violador de poder-garantia”: a ofensa é cometida com o objetivo de resolver dúvidas sobre a sua masculinidade; e “violador de raiva”: o ofensor expressa raiva e ódio pela vítima, através da violência física, abusá-la sexualmente e forçá-la a fazer atos degradantes

(Groth, Burgess, & Holmstrom, 1977). O objetivo das suas agressões é expressar raiva, libertá-la ou obter vingança. Violadores de raiva usam quantidades excessivas de violência e força, mais do que o que seria essencial para ganhar o controle sobre as suas vítimas (Palermo, 2003).

Violadores que caem no subtipo “raiva” podem ser subdivididos em dois grupos: “violador de raiva-retaliação”: comete o ato como uma expressão da sua hostilidade e raiva para com as mulheres e objetivo de degradar e humilhar a vítima (Palermo & Kocsis, 2005). Violam por vingança e veem as suas agressões como uma forma de retribuição. Os seus ataques são muitas vezes desencadeados por eventos que evocam uma emoção forte, e as suas vítimas são simbólicas de quem procuram vingar (Groth & Birnbaum, 1979; Palermo & Farkas, 2001); e “violador raiva-excitação”: encontram prazer e excitação no sofrimento da vítima, sadistas e têm como objetivo punir, magoar e torturar a vítima. A agressão é erótica (Groth, Burgess & Holmstrom, 1977) e realizam um planeamento extensivo antes das suas agressões (Palermo & Kocsis, 2005).

Em níveis relativamente baixos de agressão uma distinção é feita entre essas ofensas que parecem resultar de preocupações sexuais (isto é, motivos parafilicos) e entre ofensas cometidas por indivíduos com características de personalidade antissocial, elevadas, como impulsividade e baixa reatividade emocional. Neste nível, é feita uma nova distinção entre agressões sádicas onde o dano infligido diz respeito à gratificação sexual e violência destinada a ferir a vítima por razões não sexuais (Prentky & Knight, 1991). Os “violadores sádicos”, introduzidos por Groth, Burgess, e Holmstrom (1977), são muito semelhantes aos seus homólogos “violadores de raiva e excitação”, sendo ambos sexualmente despertados pelo sofrimento físico e psicológico das suas vítimas (Douglas et al., 2006). No entanto, enquanto os “violadores de raiva e excitação” são vistos como sendo motivados principalmente por raiva, os agressores “sádicos” são motivados principalmente por satisfação sexual obtida através do sofrimento da vítima (Hazelwood & Burgess, 1987). Estes indivíduos usam força excessiva, como escravidão, tortura, mutilação sexual e violação com objetos, e, em casos extremos, assassinato (Shipley & Arrigo, 2008).

Segundo, Prentky e Knight (1991), a dimensão da agressão tem sido tipicamente usada para diferenciar os ofensores que usam força instrumental dos que usam força extrema. No primeiro caso, a agressão geralmente não excede o necessário para forçar o cumprimento da violação. No último caso, a quantidade de agressão excede em muito o que é necessário para

forçar o cumprimento, e a agressão parece ser motivada principalmente pela necessidade de ferir ou humilhar a vítima (Prentky & Knight, 1991).

A quantidade e qualidade de agressão expressa em agressões sexuais é altamente variável e a construção da agressão não é univocal. A agressão que é usada apenas para forçar o cumprimento da vítima pode variar de acordo com a resistência da vítima, o uso de álcool ou drogas, a presença de outros infratores ou vítimas, e fatores situacionais ou específicos do infrator. Assim, violadores que pretendem apenas a conformidade da vítima são susceptíveis de variar amplamente na quantidade de agressão nas suas ofensas. Quando a agressão é expressiva, a motivação e a manifestação também podem variar consideravelmente (Prentky & Knight, 1991).

Hall e Hirschman (1991) no seu modelo quadripartido descrevem quatro componentes que são percursos motivacionais, que aumentam a probabilidade de comportamento sexual agressivo e definem subtipos de acordo com a proeminência de cada fator. Estes quatro fatores são: a excitação sexual, fatores cognitivos, descontrolo afetivo e problemas de personalidade. Três dos quatro fatores (excitação sexual, descontrolo afetivo e fatores cognitivos) focam-se mais em causas situacionais. A categoria final de fatores da personalidade parece conter a maioria das variáveis de desenvolvimento e de aprendizagem, e a sua relação com os outros fatores não é bem descrita (Ward & Hudson, 1998). Os subtipos dos fatores cognitivos, caracterizados por atitudes distorcidas e crenças em relação aos papéis sexuais e comportamento feminino apropriado, aparecem como podendo ser os mais comuns de todos (Koss, 1985; Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987). Interpretar as respostas da vítima como indicando prazer ou desejo de contacto sexual, ou atender seletivamente apenas às pistas positivas reduz o desvio percebido da agressão sexual e, portanto, a avaliação subjetiva da probabilidade de apreensão (Yegeedis, 1986). Esta vista sugere que variadas combinações de excitação sexual, cognições que justifi-cam agressão sexual, descontrolo afetivo, e problemas de personalidade serão proeminentes dependendo nas tipologias do agressor que comete o ato (Ward & Hudson, 1998).

Ao longo do tempo, várias tipologias de violadores foram surgindo (Guttmacher & Weihofen, 1952; Kopp, 1962; Gebhard, Gagnon, Pomeroy, & Christensen, 1965; Cohen, Seghorn & Calmas, 1969; Rada, 1978; Groth, 1979; Hazelwood, 1995), tais como as visões apresentadas acima, no entanto, atualmente é a tipologia preconizada por Knight e Prentky (1990) que é reconhecida como fiável e atualizada.

Estes autores desenvolveram um modelo taxonómico denominado MTC:R3 e identificam quatro tipos gerais de violadores, ligados às seguintes motivações: a oportunidade, a cólera, a gratificação social e a vingança. Neste sentido, foram estabelecidas as tipologias de “violação oportunista”, “violação por raiva”, “violação sexualizada” e “violação vingativa” (Knight & Prentky, 1990).

Na “violação oportunista”, a conduta encontra-se controlada pelos fatores situacionais. Estes agressores são, normalmente, indivíduos impulsivos e predadores, com comportamentos antissociais. Os autores subdividem esta categoria em dois tipos de violadores, em função da maior ou menor competência social do agressor. Os “violadores oportunistas” com maior competência social (tipo 1), normalmente, mostram o seu comportamento impulsivo na idade adulta enquanto os “violadores oportunistas” com menor competência social (tipo 2) mostram, geralmente, o seu comportamento impulsivo na adolescência (Knight & Prentky, 1990).

Relativamente aos “violadores por raiva” (tipo 3), estes indivíduos expressam, nos seus delitos sexuais, a sua raiva e agressividade, causando às suas vítimas danos físicos e um grande sofrimento, sendo assim a raiva e a agressividade as suas motivações primárias. Estes agressores têm, normalmente, um grande historial de comportamento agressivo antissocial (Knight & Prentky, 1990).

No que diz respeito à “violação sexualizada”, os autores defendem que estes agressores mostram uma preocupação permanente pelo sexo. Esta categoria também se subdivide em duas categorias, em função do facto da agressão sexual se encontrar sexualizada ou não, que os autores definem como sádico ou não sádico. No caso do “violador sexual sádico” podem ser encontradas nestes indivíduos distorções provocadas pela fusão entre os aspetos sexuais e agressivos. Por sua vez, este tipo de violadores dividir-se-á em dois, de acordo com o facto de se as suas fantasias sexuais agressivas são diretamente expressas nos ataques e, neste caso, serão os “violadores sexuais sádicos manifestos” (tipo 4), ou se elas se mantêm apenas como fantasias, pertencendo então ao subtipo dos “violadores sexuais sádicos latentes” (tipo 5). No caso deste subtipo de violadores, a sua preocupação sexual estaria dominada pelas necessidades e/ou intensos sentimentos de inadequação. Este tipo de violador tal como o anterior divide-se em dois, em função da alta (tipo 6) ou baixa competência social (tipo 7) do indivíduo (Knight & Prentky, 1990).

Por fim, quanto ao “violador vingativo”, a sua principal motivação é a raiva em relação às mulheres, tentando por isso provocar danos físicos, degradar, denegrir e humilhar as vítimas

através dos seus comportamentos. Os autores subdividem esta categoria em duas outras, conforme as competências ou habilidades sociais (tipos 8 e 9). De acordo com este modelo, encontramos assim novos tipos de violadores distintos, que se agrupam em quatro tipos gerais de violadores, estabelecidos de acordo com a sua motivação. Como se pode observar, apesar das distintas tipologias definidas, existem entre elas muitas semelhanças (Knight & Prentky, 1990; Prentky & Burgess, 2000; Martín & Vozmediano, 2014).

Adicionalmente, Jisun, Louis, Anthony, e Edward (2010) diferenciaram os violadores pelo su número vítimas. O violador com uma única vítima, apenas se envolveu num assédio numa ocasião com uma vítima (ou, mais especificamente, apenas foi preso por ter agredido uma vítima e não é suspeito de mais agressões), enquanto o violador serial envolveu-se em pelo menos dois incidentes separados com duas ou mais vítimas, diferentes.

Em termos gerais, as características dos violadores encarcerados têm sido, na maior parte das vezes, comparadas com as dos agressores sexuais de menores. Uma série de diferenças entre estes dois grupos têm surgido, em termos de características atuais e fatores históricos a nível do desenvolvimento (Alder, 1984; Tingle, Barnard, Robbins, Newman, & Hutchinson, 1986). Passaremos agora a abordar as tipologias dos abusadores sexuais de menores.

2.2 Abusadores sexuais de menores

Em relação às tipologias dos ASM, Groth (1979), através do nível de força utilizado pelo agressor, distinguiu duas categorias principais: o “atentado ao pudor” e a “violação”. No “atentado ao pudor”, o agressor, através da sedução ou persuasão, consegue o que deseja da criança, utilizando frequentemente a manipulação emocional e verbal. O autor subdivide esta categoria em dois subtipos: o “ASM de fixação”, relacionado com a preferência sexual por crianças; e o “ASM de regressão”, onde o interesse nas crianças só surge na idade adulta e a agressão sexual é entendida como uma quebra temporária devido a falhas de alguma ordem (e.g.: afetivas, sociais, sexuais). Já os indivíduos inseridos na categoria da “violação” usam as ameaças, a intimidação e a força física, sendo a criança o recetor da sua hostilidade, exploração, humilhação e o desejo de dominação e submissão, existindo raras vezes relação com a criança.

No modelo de quatro fatores de Finkelhor (1984), a motivação para cometer o crime, a redução de, quer inibições externas que servem para prevenir agressão, quer a oportunidade para ter relações sexuais com crianças, interação e resultam numa ofensa sexual. A

motivação para ofender sexualmente foi hipotetizada para ser uma função de necessidades emocionais ou sexuais, na ausência de fontes alternativas de gratificação sexual.

Seale (1987) sugere que de acordo com as tipologias teóricas, a atração sexual fixada do ASM constitui um atraso da sua maturação sociosexual, resultado de problemas formativos não resolvidos que impedem o seu desenvolvimento e persistem no funcionamento da sua personalidade. Qualquer contacto com adultos é situacional e nunca substitui as suas preferências e envolvimento sexual crónico por crianças. Sendo que esteve durante a sua adolescência, primariamente ou exclusivamente, atraído a pessoas mais novas que ele (Groth & Birnbaum, 1978). O “ASM fixado” tende a escolher vítimas masculinas devido a uma identificação narcisista com elas (Seale, 1987).

Por outro lado, o envolvimento de um ofensor sexual regressivo com crianças tende a constituir um afastamento temporário ou permanente com a sua mais proeminente atração a adultos. Um “ASM regressivo” não terá exibido nenhuma atração sexual dominante para com pessoas mais novas durante o seu desenvolvimento, ou se ocorreu, foi algo situacional ou experimental (Groth & Birnbaum, 1978). Estes tendem a atacar raparigas porque são, proeminentemente, mais investidos emocionalmente em mulheres nas suas relações adultas. Tem sido sugerido que a probabilidade de um indivíduo substituir um adulto por uma criança, como sua escolha sexual, depende de situações que incluem inúmeros stresses, tais como perda de um parceiro, perda do emprego, problemas no casamento e abuso de álcool (Groth, Hobson, & Gary, 1982; Seale, 1987).

Uma outra divisão muito comum é baseada na relação que existe entre o abusador e a criança, dando origem a duas categorias: “abusador sexual intrafamiliar” ou “abusador sexual extrafamiliar”. O “ASM intrafamiliar” diz respeito a qualquer tipo de propósito sexual que envolva uma criança que seja elemento da família do agressor, enquanto o “ASM extrafamiliar” corresponde a qualquer tipo de propósito sexual que envolva uma criança que não seja da família do agressor (Sequeira, 2013). Esta tipologia é das que tem demonstrado maior utilidade, pois tem em consideração a variabilidade existente no caso do abuso sexual de crianças (Camillieri & Quinsey, 2008).

Relativamente ao “abuso sexual intrafamiliar”, este é considerado o com maior prevalência pela maioria dos autores (Baptista, França, Costa, & Brito, 2008; Habigzang, et. al., 2005; Quadara, et. al., 2015; Smallbone & Wortley, 2001). Como normalmente as crianças nutrem algum sentimento pelo agressor, por um lado, as consequências acabam por ser mais nefastas do que nos casos em que a agressão sexual é cometida por um estranho

(Stroebe, O’Keefe, Beard, Kuo, Swindell, Kommor, 2012) e, por outro, torna-se mais difícil revelar o crime, ajudando à sua repetição (Quadara et al., 2015; Habigzang et al., 2005; Sequeira, 2013; Seto, et. al., 2015). Segundo Machado (2003), os “ASM intrafamiliares” cometem o crime por conveniência, devido ao fácil acesso à criança e vulnerabilidade da mesma.

Relativamente ao “abuso sexual extrafamiliar”, este aparece como menos frequente que o intrafamiliar, sendo que apenas 14% das crianças desconhecem por completo o seu abusador (Bolen, 2002; Finkelhor, 2009). Embora atualmente exista o recurso à internet para procurar potenciais vítimas (Seto et al., 2015), a estratégia mais utilizada por estes agressores consiste em se tornar amigo dos pais ou cuidadores da criança e dar-lhe muita atenção, com o objetivo que estes consintam o abuso (Smallbone & Wortley, 2001).

Estes agressores são, na maioria, homossexuais ou bissexuais (Seto et al., 2015; Smallbone & Wortley, 2001), tendem a vitimizar mais frequentemente rapazes (Quadara et al., 2015; Sánchez-Meca, Rosa-Alcázar, & López-Soler, 2011) e crianças mais velhas do que os intrafamiliares (por volta dos 11/12 anos) (Sánchez-Meca, Rosa-Alcázar, & López-Soler, 2011; Sequeira, 2013; Seto et al., 2015; Taveira et al., 2009), recorrendo, por isso, mais à violência (Taveira et al., 2009). São, normalmente, mais novos, tendem a começar a abusar sexualmente mais cedo de crianças e têm uma menor tendência a serem casados ou viver em união de facto (Seto et al., 2015). Relativamente às características do abuso, este tem tendência a ser mais intrusivo, com uma menor duração (Quadara et al., 2015; Seto et al., 2015; Taveira et al., 2009), mas com mais vítimas (Looney, 2007; Seto et al., 2015).

Beech (1998) refere que a dicotomia de “ASM fixado-regressivo” de Groth (1978) é usada frequentemente para dividir “ASM fixado” ou “ASM incestuoso”. Embora não haja nenhuma evidência que sugira que os ofensores incestuosos têm menos excitação desviante por crianças que os extrafamiliares, existem problemas que se referem a todos os ofensores incestuosos com tipos regressivos, visto que alguns homens podem estar em relações com mulheres apenas para terem acesso a crianças.

Embora tipologias como regressivo e fixado, sejam úteis na conceptualização de distinções abstratas entre grupos de ofensores, elas tornam-se problemáticas se não explicarem, nem previrem, a maioria dos ASM. Estudos sugerem que esta tipologia não explica o facto de muitas das reofensas dos ASM serem episódicas, que a convicção pode ocorrer muitos anos depois da ofensa inicial e que esse padrão pode refletir uma ofensa situacional (Seale, 1987).

3. Importância da psicopatia para compreender ofensas sexuais

A psicopatia aparece de forma recorrente como um fator importante para compreender e prever violência sexual (Quinsey & Lalumière, 1995). De facto, como referido acima, diversos estudos demonstram que indivíduos com características de personalidade antissocial elevadas, como impulsividade e baixa reatividade emocional, estão associados a subtipos de violadores (Prentky & Knight, 1991); e que alguns ASM recorrem às ameaças, intimidação e força física, sendo a criança o recetor da sua hostilidade, exploração, humilhação e o desejo de dominação e submissão (Groth, 1979), sendo estas características fortemente relacionadas com domínios da psicopatia. Dada a importância do construto para a compreensão do perfil de ofensores sexuais, a secção abaixo faz uma breve revisão sobre a psicopatia e o seu potencial impacto em abusadores sexuais de menores e violadores.

O estudo moderno e sistemático da psicopatia teve o seu início com Cleckley (1941), que usou o construto para caracterizar indivíduos problemáticos do ponto de vista comportamental e afetivo, que demonstravam uma relação superficial com outros. O autor descreveu o psicopata como sendo incapaz de experienciar emoções genuínas e tendo tendências para comportamentos mais autodestrutivos, que um comportamento criminal normal Cleckley (1941). Ao longo dos últimos 80 anos, o construto da psicopatia acabou por se cristalizar numa combinação de comportamentos antissociais e uma variedade de características da personalidade específicas (Salekin, 2002). Até aos dias de hoje, a definição primária da psicopatia é baseada nos estudos de Hare (2003), que levaram à criação do PCL-R. De acordo com o autor, a psicopatia pode ser operacionalizada de acordo com quatro facetas: Faceta Interpessoal, Faceta Afetiva, Faceta do Estilo de Vida e Faceta Antissocial.

Especificamente, a nível das ofensas sexuais, Rice, Harris, e Quinsey (1990) revelaram uma associação entre excitação sexual sádica e psicopatia. Mais evidências desta relação entre a psicopatia e a violência sexual, têm a ver com a dimensão da agressão usada pelo agressor (Prentky & Knight, 1991), sendo que a psicopatia é um dos preditores de agressão, é importante termos em atenção o nível de agressão que é usado pelos ofensores. Hare (1991, 2003) refere que os ofensores violadores e abusadores sexuais de menores apresentam níveis diferentes de psicopatia, aproximadamente 40-50% para violadores em comparação com uma taxa de prevalência de apenas 10-15% para os abusadores sexuais de menores. Sendo que, normalmente, não existem padrões elevados de psicopatia associados com ofensores que, exclusivamente, abusaram sexualmente menores (Porter, Fairweather, Drugge, Hervé, Birt, & Boer, 2000). No entanto, num estudo de Rosenberg et al. (2005), ofensores ASM que usaram

violência durante o abuso tiveram níveis mais altos de psicopatia que os que não usaram violência e Walters et al. (2016), não encontrou diferenças entre grupos de ofensores violadores e ASM. Logo, a relação entre psicopatia e ofensas sexuais é complexa e requer mais atenção. Iremos analisar este tópico à luz de vários estudos sobre psicopatia e ofensores sexuais, que tentaram compreender este tema.

3.1. Violadores

Knight e Guay (2006) referiram que tentativas iniciais para delinear as características da psicopatia não incluíram a hipótese que psicopatas fossem mais propensos a comportamentos coercivos sexuais. Embora Cleckley (1941) tenha descrito a sexualidade de psicopatas individuais como “anormal”, ele caracterizou-os como sendo separados da componente emocional da sexualidade, logo não propensos a coerção sexual, não tendo sido descritos como demasiadamente sexuais. Cleckley (1941) acreditava que psicopatas não estavam disposto a considerar as emoções dos seus parceiros sexuais. No entanto, sugeriu que esta atitude pudesse aumentar a probabilidade de se envolverem em atos sexuais coercivos. Ademais, medidas de psicopatia recentes têm, de forma consistente, conseguido encontrar predições de psicopatia e comportamentos violentos, em amostras de ofensores sexuais adultos e juvenis (Knight & Guay, 2006). Logo, indivíduos com psicopatia têm surgido como sendo mais prováveis de cometer atos de violação, do que não psicopatas (Knight & Guay, 2006; O’Connell & Marcus, 2016) e Rice, Harris, e Quinsey (1990) demonstraram que o grau de psicopatia, medida pela escala de Hare (1980), prevê reincidência de crimes sexuais e violentos.

Variadas linhas de evidências convergem para sugerir que os traços psicopáticos, narcisistas e maquiavélicos possam estar relacionados com as atitudes que facilitam a violação. Por exemplo, traços da Tríade Negra (*Dark Triad*) estão associados a limitada empatia, e impulsividade, ambos preditores de violação (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017). De facto, o narcisismo está associado com uma aceitação dos mitos de violação, e a psicopatia está associada com uma coerção sexual e o comportamento sexual predatório, sendo que o modelo de confluência da violação sugere que existem dois caminhos para a violação e agressão sexual – masculinidade hostil e sexo impessoal – que são comumente ligados aos traços da Tríade Negra (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017).

Adicionalmente, muitos dos psicólogos evolucionistas referem que a violação é uma forma extrema de exploração sexual, existindo, porém, discordâncias na razão de pessoas,

com enfoque nos homens, em violarem. Por exemplo, no senso comum a causa das violações envolve a cultura da violação - *rape culture*. No entanto, estudos recentes sugerem que as pessoas não compreendem que a violação é aceitável, mas sim têm disposições genéticas que facilitam a violação (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017).

No estudo de Jonason, Girgis, e Milne-Home (2017) conclui-se que, embora os três traços da Tríade Negra sejam preditores de atitudes que permitem a violação, apenas a psicopatia tem uma associação única com estas atitudes. Em adição, a Tríade Negra facilita as atitudes de violação, nos homens, sugerindo que elas captam parte do sistema psicológico que permite aos homens tomar essas atitudes mais que as mulheres.

Teorias psicopatológicas de violação, referem que agressores são inerentemente violentos, sexualmente agressivos, anormais e antissociais (Baumeister, Catanese, & Wallace, 2002). Groth e Burgess (1977) afirmaram que 40% dos violadores têm distúrbios de personalidade. Os indivíduos classificados como psicopatas são notórios pela sua versatilidade criminal, e a coerção sexual tem sido descrita entre uma variedade de crimes que eles podem cometer. De facto, no DSM-5, “atividade sexual forçada” (APA, 2014) surge ligada à Perturbação Antissocial da Personalidade (PAP). Em estudos que examinam o crime ligado à psicopatia, a violação aparece muitas vezes agrupada com os crimes violentos, ao invés de aparecer separada (Knight & Guay, 2006).

3.2. Abusadores Sexuais de Menores

Alguns investigadores têm revelado que abusadores sexuais de menores têm mostrado menores níveis de traços de psicopatia, comparando a outros grupos de ofensores (Seto, 2008). Esta perspetiva é consistente com a teoria e pesquisas na psicopatia, que ligam traços de personalidade com a tendência a ter comportamentos antissociais versáteis e diversos, em oposição aos ofensores sexuais de menores, que se especializam em um tipo de ofensa. Aliás, os ofensores violentos não-sexuais (OVNS) têm sido mais ligados a atividades criminais, que os agressores sexuais de menores. Em contraste, os agressores sexuais de menores podem funcionar relativamente bem quando não praticam as ofensas (Garofalo, Bogaerts, & Denissen, 2018).

Os ASM tipicamente pontuam menos que os OVNS em fatores criminogénicos variados e tem sido discutido que as suas capacidades empáticas podem ser emparelhadas seletivamente de acordo com as suas vítimas, mas de resto estão intactas (Garofalo, Bogaerts, & Denissen, 2018). ASM tiveram, também, menores pontuações de traços psicopáticos

clínicos, comparando com OVNS. Isto pode ser justificado pelo facto de que estes ofensores apresentarem mais sintomas internalizadores ou sofrerem mais os efeitos dos estigmas das suas ofensas (Garofalo, Bogaerts, & Denissen, 2018). No entanto, tal como foi referido na introdução acima, ASM que praticam os abusos de forma violenta apresentam níveis mais elevados de psicopatia (Rosenberg et al., 2005; Walters et al., 2016). Posto isto, estudos anteriores sobre ofensas sexuais a menores não têm uma conclusão definitiva, apesar das evidências claras de uma ligação entre psicopatia e violência sexual.

3.3. Violadores *versus* Abusadores Sexuais de Menores

No estudo de Gonçalves e Vieira (2004), o grupo de abusadores sexuais de menores obteve números mais elevados da pontuação média de PCL-R, do que o grupo de violadores. Uma outra conclusão obtida neste estudo foi de que ofensores sexuais que tinham uma variedade criminal com ofensas violentas, em conjunto com as ofensas sexuais, obtiveram valores mais elevados na PCL-R. Tendo Gonçalves e Vieira (2004) concluído que os psicopatas tendem a encontrar-se em grupos onde a expressão de violência é maior e onde se comete um maior número de crimes. Estes resultados devem, no entanto, ser interpretados com cautela, visto que este estudo foi realizado em apenas 51 agressores sexuais.

Em contrapartida, Porter et al. (2000) referem que os violadores pontuam mais alto na PCL-R do que ofensores que tinham a vitimização de menores como crime exclusivo. Referindo que na ausência de remorsos e empatia, este tipo de ofensores pode vitimizar diferentes tipos de vítimas quando a oportunidade aparece ou quando ficam aborrecidos, dando-lhes o nome “Psicopatas Sexuais”. Outros estudos sugerem que não existem diferenças entre ASM e ofensores sexuais de adultos (Walters et al., 2016; Sohn, Reyes, Kim, 2020), sendo que a única diferença significativa que apareceu no estudo de Walters et al. (2016), emergiu na faceta 4 (Antissocial) da PCL-R. Ainda Hanson & Bussière (1998) referem que interesses sexuais desviantes e uma orientação antissocial ou níveis altos de psicopatia, têm sido identificados como um dos preditores mais importantes para reincidência em ofensas sexuais. Isto pode sugerir que os ASM poderão ter um construto psicopático diferente dos violadores (Sohn, Reyes, Kim, 2020).

4. Importância dos modelos inibição/desinibição para compreender ofensas sexuais

A noção de controlos inibitórios juntamente com tendências de agressividade não é nova. De facto, como referido acima, diversos estudos procuram explicar a violação através da

impulsividade do agressor (Cohen et al., 1971) e abordam o abuso sexual de menores a partir das distorções cognitivas que os levam a agir de forma desviante (a não seguir com os seus controlos inibitórios) (Kettleborough & Meridan, 2017; Ciardha & Ward, 2013). Dada a importância destas tendências para a compreensão do perfil de ofensores sexuais, a secção abaixo faz uma breve revisão sobre como os modelos inibitórios contribuem para a compreensão de ofensores sexuais, como os violadores e abusadores sexuais de menores.

Moyer (1976) refere que as nossas condições ambientais e a aprendizagem têm muita influência no nosso controlo de comportamento. Estudos revelam que restrições inibitórias são desenvolvidas através da socialização e que estas inibições não agem apenas nas tendências biológicas, mas também são elas próprias mediadas pelo cérebro, sendo que interferências com estas, particularmente a amígdala e o septo, eliminam as inibições sobre a agressão, que foram socialmente adquiridas (Karli, Vergnes, Eclander, & Penot, 1977). Tendo até sido demonstrado que mudanças no desenvolvimento do *BIS/BAS* estavam associadas com mudanças na sensibilidade de recompensa, relacionadas com as estruturas do cérebro, incluindo o córtex orbitofrontal e *nucleus accumbens* (Gray, Hanna, Gillen, & Rushe, 2016). O processo de socialização para inibir este desejo sexual desviante não ocorre sempre bem (Abel, Becker, & Cunningham-Rathner, 1984), logo, é de grande importância compreender como é que as tendências de inibição afetam os ofensores sexuais, sendo que os fatores que interferem com o desenvolvimento deste fator, poderão ser o que contribui para o comportamento sexual agressivo. Passaremos agora a explorar estas tendências relativamente a como afetam os dois grupos de ofensores sexuais.

4.1. Violadores

As tendências desinibitórias associadas ao fator impulsivo-antissocial podem contribuir para manter o comportamento sexual em circunstâncias em que a vítima não é complacente, o que em situações normais iria ser um fator inibitório para a continuação do comportamento (Knight & Guay, 2006). Marshall e Barbaree (1990) sugerem que o psicopata sofre de uma falta de responsividade ao *stress*, porque tem défices no mecanismo de inibição da violência, que outros humanos e animais têm. No seu modelo de coerção sexual de inibição, estes autores referem que de entre os violadores pode haver poucos que são guiados pelos níveis hormonais cronicamente elevados [i.e.: testosterona em indivíduos que foram muito agressivos nos seus atos sexuais (Rada, Laws, & Kellner, 1976) e desidroepiandrosterona em sadistas (Langevin et al., 1984)] mas a sua maioria apenas parece

não ter adquirido controlos inibitórios suficientes para com o sexo e agressão. Em adição, as ligações entre áreas como o hipotálamo, septo, hipocampus e amígdala aparecem como sendo similares às do sexo e agressão e mais importante é o facto de que os mesmos ‘esteroides do sexo’ (endócrinos) ativam ambos no sexo e em momentos de agressão (Marshall e Barbaree, 1990). Homens com mais crenças sexuais insensíveis, isto é, com menor preocupação pelo bem-estar da vítima, exibem menos inibição para descrições de força e *stress* (Barbaree & Marshall, 1991).

4.2. Abusadores Sexuais de Menores

Relativamente ao fator desinibição do modelo dos quatro fatores de Finkelhor (1986), este aparece ligado à incapacidade de controlar o desejo de se relacionar sexualmente com as crianças. Segundo o autor, para que o abuso sexual se verifique devem-se cumprir quatro pré-condições; primeiro que o adulto tenha motivações para se envolver sexualmente com uma criança; segundo, que o adulto não tenha controlo interno para evitar levar a seu termo tais motivações; terceiro que a criança não tenha proteção externa e, por último que o menor não resista ao abuso. De forma a explicar-se as três primeiras condições, salientaram-se a os fatores individuais de ordem interna, tais como o consumo de álcool, a psicose, a senilidade, situações de stress e a supressão do tabu do incesto, que pode ter sido como consequência da falta de convivência com o filho.

Para além disso, os fatores de ordem externa são a ausência da mãe, falta de proteção materna, isolamento social da família, as excessivas oportunidades de estar a sós com a criança, falta de vigilância da criança e condições pouco usuais de convivência. Sobre este fator também temos que ter em conta que a desinibição pode ser associada a aspetos socioculturais e à tolerância social aos interesses sexuais pelas crianças e a tendência para culpar as vítimas e considerar inocente o agressor (Finkelhor, 1986).

Estes ofensores sexuais têm mais distorções cognitivas, que os levam a pensar que a forma como se comportam não é incorreta ou que a criança também quis, ou que estão de alguma forma a contribuir para o desenvolvimento da vítima (Abel, Becker, & Cunningham-Rathner, 1984). O processo de modelar o envolvimento sexual com crianças e não ter quaisquer consequências resultantes desse mesmo comportamento, suportam a continuação de envolvimento com menores e contribui para que os controlos inibitórios referentes a comportamentos sexuais desviantes não ocorram (Abel, Becker, & Cunningham-Rathner, 1984).

Desta forma, torna-se importante compreender e explorar a relação que perturbações de desinibição e a psicopatia têm em ofensores sexuais. Através do uso de instrumentos de psicopatia, que procuram de forma recorrente compreender falta de empatia e comportamentos impulsivos, e do *BIS/BAS*, que procura abordar dois tipos diferentes de reação a estímulos (uns que produzem a inibição do comportamento e outros que produzem motivação e comportamentos impulsivos), tivemos como objetivo explorar como é que estas características podem ajudar à diferenciação de abusadores sexuais de menores e violadores. De seguida apresentam-se os aspetos metodológicos deste estudo, que fez também parte de um esforço mais alargado de validação da escala CAPP-SR para a língua portuguesa europeia e é o primeiro estudo onde esta escala foi passada a ofensores sexuais.

ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA

1. Objetivos gerais e específicos

A presente investigação tem como objetivo central delinear um estudo comparativo entre abusadores sexuais de menores e violadores, à luz de três instrumentos, CAPP-SR, TriPM e BIS/BAS. Os valores obtidos por cada uma destas amostras serão ainda comparados com os valores normativos da população em geral, para BAS, BIS, Malvadez e *Behavioral*, com as duas amostras de ofensores. Assim, serão estudadas as diferenças entre estes dois tipos de ofensores sexuais e a amostra total, e a população em geral, nos seus níveis de psicopatia (CAPP-SR e TriPM) e de inibição e evitamento (BIS/BAS).

Da revisão da literatura e tendo presente o principal objetivo deste trabalho formulamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Verificar a consistência interna dos instrumentos utilizados, particularmente o CAPP-SR, dado este estudo ser parte de um esforço de validação da versão inicial da escala;
- 2) Comparar o grupo de abusadores sexuais de menores com o grupo de violadores, nos domínios BIS, Ousadia, Desinibição, *Attachment*, *Dominance* e *Self*;
- 3) Comparar os dois grupos de ofensores, com valores da população em geral, nos domínios BAS, BIS, Malvadez e *Behavioral*.

2. Hipóteses do estudo

No sentido de testar cada uma das relações propostas nos objetivos específicos do estudo, e tendo em conta a revisão da literatura, formulamos as seguintes hipóteses:

H1: A amostra de ofensores violadores apresentará:

H1.1: níveis significativamente menores de BIS, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores (van Lankveld, Platteau, van Montfort, Nieuwenhuijs, & Syroit, 2015);

H1.2: níveis significativamente mais elevados de Ousadia, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores (Weidacker, O'Farrell, Gray, Johnston, & Snowden, 2017);

H1.3: níveis significativamente mais elevados de Desinibição, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores (Sellbom & Phillips, 2013);

H1.4: níveis significativamente mais elevados nos domínios *Attachment*, *Dominance* e *Self*, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores (Flórez et al., 2020).

H2: Ambas as amostras apresentarão:

H2.1: pontuações significativamente mais elevadas de BAS¹, comparativamente à população em geral (Urošević, Collins, Muetzel, Lim, & Luciana, 2012; van Lankveld et. al., 2015; Gray et. al., 2016);

H2.2: pontuações significativamente mais elevadas de BIS, comparativamente à população em geral (van Lankveld et. al., 2015; Gray et. al., 2016);

H2.3: níveis significativamente mais elevados de Malvadez, comparativamente à população em geral (Weidacker et. al., 2017);

H2.4: níveis significativamente mais elevados no domínio *Behavioral*, comparativamente à população em geral (Flórez et al., 2020).

3. Descrição e Fundamentação da Metodologia

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo comparativo, segue uma abordagem de natureza quantitativa, tendo a recolha dos participantes sido feita em locais diferentes, mas no mesmo momento, originando apenas um grupo de investigação. Utilizou-se um desenho transversal, tendo os dados sido obtidos através da consulta dos relatórios forenses e dos acórdãos de sentença dos indivíduos e da análise dos questionários obtidos. Tendo em consideração que é procurado explorar a relação entre duas ou mais variáveis, o desenho experimental deste estudo é correlacional. Isto é, foi efetuada uma interpretação dos resultados tendo por base as hipóteses estabelecidas, à luz de estudos empíricos e da literatura, em detrimento de uma mera descrição dos fenómenos estudados (Hill & Hill, 2012).

3.2 Constituição da amostra

A amostra total é constituída por 83 indivíduos do sexo masculino, maiores de 18 anos, condenados, pelo menos uma vez, por crimes sexuais. Foi considerada uma amostra de conveniência. Sendo que os elementos da amostra não foram selecionados aleatoriamente da população, esta é considerada não probabilística.

¹ Os valores normativos para BAS, BIS, Malvadez e *Behavioral*, foram obtidos numa consulta à literatura.

Inicialmente, foi pedida autorização à DGRSP, a qual deu acesso a quatro EP's, sendo eles: Braga, Vila Real, Porto e Paços de Ferreira. Devido à necessidade de mais amostra, foi pedida uma nova autorização à DGRSP, na qual foi dado acesso aos EP's de St^a Cruz do Bispo e Vale do Sousa. Atendendo aos critérios mencionados e aos consentimentos informados obtidos, adquiriram-se 83 respostas.

Constituíam como critérios de seleção:

- a) Indivíduos do sexo masculino, maiores de 18 anos;
- b) Condenados, pelo menos uma vez, por crimes sexuais, independentemente do momento temporal (i.e., sendo esse o crime pelo qual cumprem pena ou não) e da pena aplicada (i.e., trabalho a favor da comunidade);
- c) Assinatura do consentimento informado.

3.3 Instrumentos e Operacionalização das variáveis do estudo

Estes instrumentos foram escolhidos de forma a se conseguir comparar uma amostra de ofensores abusadores sexuais de menores e de violadores, nos seus níveis de psicopatia (CAPP-SR e TriPM) e nos seus níveis de inibição e evitamento (BIS/BAS), aquando do cometimento de uma ofensa sexual. Foram usadas duas escalas de psicopatia no nosso estudo, visto que o instrumento CAPP-SR ainda não foi validado em Portugal. Sendo este um estudo que faz parte de um esforço maior de validação desse instrumento, procurou-se ter a TriPM, de forma a obtermos mais informações sobre a psicopatia de uma escala já validada para o português europeu.

1. CAPP-SR²

Este instrumento foi criado para providenciar uma conceptualização da psicopatia, clinicamente informada, dinâmica e baseada na personalidade (Kreis, Cooke, Michie, Hoff, & Logan, 2012), de forma a poder facilitar o desenvolvimento de novas medidas, incluindo aquelas que foram desenhadas para aceder à mudança nos traços de personalidade, quer induzida terapeuticamente ou através da maturação (Hoff, Rumiche, Burrridge, Ribot, & Welsh, 2014).

Foi desenvolvido como um mapa concetual, de forma a aumentar a compreensão da psicopatia, de uma perspetiva de um traço de personalidade (Sellbom, Cooke, & Hart, 2015),

² Optou por não se traduzir os domínios do CAPP-SR, porque estes têm uma lógica ABCDE, que foi preferível manter.

logo o foco é em traços de personalidade, ao invés de potenciais consequências comportamentais da patologia da personalidade (Kreis et al., 2012).

Posto isto, Kreis et al. (2012), identificaram 33 traços de personalidade, que foram mapeados em 6 dimensões (i.e., *Attachment, Behavioral, Cognitive, Dominance, Emotional, e Self*) e 33 sintomas, sendo que cada sintoma é definido por um conjunto de adjetivos que descrevem os traços (Kreis et al., 2012; Hoff et al., 2014; Sellbom, Cooke, & Hart, 2015). O modelo CAPP, na sua totalidade, incluindo os 33 sintomas nos 6 domínios, está presente no **anexo 1**.

O modelo CAPP-SR (Sellbom & Cooke, 2019) foi desenvolvido através de uma abordagem lexical, que descreve traços, usando descritores da linguagem (Kreis et al., 2012). Esta abordagem cria a hipótese de como as diferenças individuais são tão centrais para as interações humanas, que irão predominantemente incluir-se na linguagem natural dos indivíduos, na sua generalidade, mas não exclusivamente, como descritores de uma palavra apenas (Hoff et al., 2014), ou seja, este instrumento assume que traços de personalidade básicos podem ser descritos usando adjetivos psicológicos, com linguagem da vida quotidiana (Flórez et al., 2015).

Outras vantagens de se usar uma abordagem lexical é que os sintomas são fáceis de compreender. E, também, o agrupamento dos sintomas em domínios providencia um contexto que ajuda a reduzir a potencial ambiguidade do seu significado (Kreis et al., 2012).

Kreis et al. (2012) descrevem as três fases na criação deste instrumento:

Fase 1: Os autores do construto seguiram uma abordagem *bottom-up*, visto que fizeram uma revisão de literatura extensiva, inicialmente, e só depois continuaram o processo de realização do construto;

Fase 2: entrevistas semiestruturadas com os especialistas, de forma a conseguir obter o máximo de conhecimento;

Fase 3: definiram os sintomas primários. O objetivo foi traduzir os diversos termos que lhes foram ditos pelos especialistas e pela literatura. O resultado deste processo foi uma lista de 33 sintomas na forma de adjetivos ou frases adjetivas. Finalmente, dividiram os sintomas em 6 grupos que pareceram domínios da personalidade.

Este instrumento foi traduzido para a língua portuguesa europeia, por uma equipa de investigadores e adaptado, no âmbito deste esforço de validação. Relativamente, aos passos de validação deste instrumento, em primeiro lugar foram contactados os autores do CAPP-SR, Martin Sellbom e David John Cooke para que permitissem a tradução do

instrumento para português europeu e a realização do estudo em questão. Após obtida a autorização e receção do questionário original, duas investigadoras independentes traduziram o instrumento. As traduções foram sintetizadas numa versão de consenso por um terceiro investigador, tendo depois sido retrovertida por um quarto investigador, que não tinha conhecimento da versão original do instrumento. A retroversão, juntamente com a versão de consenso, foram enviadas para os autores originais, que sugeriram pequenas alterações, obtendo-se assim a versão final.

No estudo de Sellbom, Cooke, e Hart (2015), os valores do alfa de *Cronbach* foram *Attachment*: $\alpha = ,89$; *Behavioral*: $\alpha = ,84$; *Cognitive*: $\alpha = ,75$; *Dominance*: $\alpha = ,90$; *Emotional*: $\alpha = ,72$; e *Self*: $\alpha = ,88$.

2. TriPM

O TriPM é um instrumento de *self-report* desenvolvido para aceder a traços de personalidade psicopáticos em adolescentes (13-17 anos) e adultos (>18 anos). O desenvolvimento deste instrumento foi baseado no Modelo Triárquico da psicopatia, proposto por Patrick, Fowles, e Krueger (2009).

Este modelo foi introduzido num esforço de integrar os construtos divergentes da psicopatia (Weidacker et al., 2017), conceptualizando a psicopatia em termos de três construtos distintos, Ousadia, Malvadez e Desinibição, que diferem nos seus fenótipos (Weidacker et al., 2017).

Cada construto é acedido por uma destas três subescalas TriPM - 20 itens para Desinibição, 19 para Ousadia e 19 para Malvadez (Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa e Marques-Teixeira, 2014), tendo na sua totalidade 58 itens (Evans & Tully, 2016). A medida usa uma escala *Likert* de quatro pontos, com as opções de resposta “maioritariamente falso”, “falso”, “maioritariamente verdadeiro” e “verdadeiro” (Evans & Tully, 2016).

A dimensão de Ousadia incorpora características psicopáticas, como a resiliência alta à pressão e stressores, eficácia social alta e alta tolerância ao perigo, tal como à pouca familiaridade (Weidacker et. al., 2017). Ou seja, refere-se à capacidade de permanecer calmo em situações que envolvem ameaças ou a habilidade de recuperar bem, de eventos stressantes e ter uma autossegurança elevada (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009). O modelo triárquico refere-se à Ousadia como uma manifestação fenotípica adaptativa, de uma predisposição latente para o destemor (Lilienfeld et al., 2016).

No estudo de Sellbom e Phillips (2013), a dimensão Ousadia foi o melhor preditor de traços de personalidade narcisistas, de procura de aventura e de experienciar situações, foi associada com o BAS-D e BAS-FS e, por fim, Ousadia foi o mais forte preditor de BIS (Sellbom & Phillips, 2013).

No estudo de Weidacker et al. (2017), a Ousadia esteve fortemente associada com o *Sensation Seeking*. No entanto, esteve negativamente relacionada com a *Negative Urgency* e *Lack of Perversance*. Logo, níveis altos de Ousadia estão associados com poucos traços de impulsividade, como foi tradicionalmente definido.

Indivíduos com traços de Ousadia são calmos e racionais, mesmo em situações emocionais. São capazes de se comprometer com uma tarefa, mesmo com outras distrações. Ainda, prosperam em situações de alto risco e são capazes de cometer riscos calculados e gostar de situações de alta pressão, que outros indivíduos podem achar stressantes. Semelhantemente, altos níveis de TriPM estão associados com menor experiência de ansiedade e medo. Estes indivíduos sabem calcular riscos, mas escolhem agir de acordo com eles, de uma forma não emocional e não impulsiva. Este traço de personalidade pode ser vantajoso, caso não se encontre associado com outros traços de psicopatia (Weidacker et al., 2017).

A dimensão de Malvadez reflete insensibilidade, agressão, crueldade, falta de empatia e comportamentos destrutivos gerais para alcançar entusiasmo e ganhos pessoais (Weidacker et al., 2017). Também, é associada com desdém para com contacto próximo com outros, rebeldia, procura de excitação e fortalecimento através da crueldade (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009).

No estudo de van Dongen, Drislane, Nijman, Soe-Agnie, & van Marle (2017), pontuações totais do TriPM, tal como as escalas de Malvadez e Desinibição correlacionaram-se com as agressões reativas e proativas. Sendo que a Malvadez estava mais correlacionada com a agressão proativa e a Desinibição com a agressão reativa. Estas descobertas estão em linha com a ideia de que as características de *callous-unemotional* de psicopatia em particular, estão relacionadas com agressão instrumental. Já Weidacker et al. (2017), encontram uma associação da Malvadez com indivíduos que tendem a agir precipitadamente em situações emocionais positivas, têm déficits em pensar nas consequências das suas ações, são facilmente distraídos das suas tarefas/planos e tendem a procurar situações excitantes. Este estudo acrescentou que está também associado com aumento da impulsividade. A Malvadez aparece como um dos preditores de BIS e o melhor preditor de maquiavelismo (Sellbom &

Phillips, 2013) e baixa empatia (Sellbom & Phillips, 2013; Moreira, Almeida, Pinto, Segarra, & Barbosa, 2015).

A dimensão de Desinibição, relaciona-se com pouco controlo de impulsos, má regulação e pouco planeamento, logo relacionando-se com aspetos do dia a dia (Weidacker et al., 2017). A desinibição é conceptualizada pelo modelo triárquico como uma externalização da vulnerabilidade geral (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009).

No estudo de Weidacker et al. (2017), níveis altos de Desinibição estiveram associados com indivíduos que vão tender a agir precipitadamente em situações emocionais (quer, negativas, quer positivas) e têm problemas em pensar nas consequências das suas ações. O conceito de Desinibição está negativamente relacionado com o controlo inibitório, que é pensado como contrair comportamentos precipitados. A Desinibição está usualmente ligada ao controlo cognitivo e ao seu papel como um componente da psicopatia. Este domínio tem itens relacionados com impulsividade problemática, urgência impaciente e controlo de planeamento deficiente. Ainda, no estudo de Sellbom e Phillips (2013), a Desinibição apareceu associada com o BAS-D e BAS-FS.

As propriedades psicométricas para o instrumento TriPM, em estudos analisados, têm uma média de ,84, para Ousadia; ,87, para Malvadez; e ,84, para Desinibição [Sellbom & Phillips (2013); Sellbom, Wygant, & Drislane (2015); van Dongen et al., (2017)] e no estudo português de validação os valores do alfa de Cronbach foram $\alpha = ,80$ para Ousadia, $\alpha = ,87$ para Malvadez e ,82 para Desinibição (Vieira et al., 2014).

3. BIS/BAS

As escalas BIS/BAS compreendem uma medida de autorrelato de tendências de evitamento e aproximação, que contêm 7-itens da escala BIS e 13-itens da escala BAS. Havendo três subescalas para BAS: *Reward Responsiveness* (RR): 5 itens; *Drive* (D): 4 itens; *Fun Seeking* (FS): 4 itens (Maack & Ebesutani, 2018). BIS apresenta-se como “o aversivo” e o BAS como “o apetitivo” (Moreira et al., 2015).

Em termos gerais, o BIS é compreendido como sendo caracterizado por respostas inibitórias, em circunstâncias onde pistas que sinalizam consequências aversivas estão presentes. Ou seja, quando um indivíduo sinaliza uma consequência aversiva, reage com respostas inibitórias (Gray et al., 2016). BIS foi criado como o sistema responsável pela mediação da reação a estímulos aversivos condicionados, sem receber recompensas, e produzindo estados de emoções negativas, como o medo e a ansiedade, e a inibição de

continuar um comportamento em situações perigosas (Weydmann, Hauck Filho, & Bizarro, 2020). Itens de *BIS* foram escritos para refletir as experiências de ansiedade em circunstâncias que incluem sinais de potencial punição (Voigt, Dillard, Braddock, Anderson, Sopory, & Stephenson, 2009).

Itens *BIS* capturam angústia subjetiva associada a ocorrências más. Alguns itens parecem relacionar-se mais a preocupações ou ansiedade, enquanto que outras relacionam-se com o medo (Moreira et al., 2015). Três itens das subescalas de *BIS* referem-se ao Medo e os restantes estão relacionados com a Ansiedade, o que é consistente com a revisão do *RST* (McNaughton, & Gray (2000).

Uma maior sensibilidade *BIS* tem sido sugerida como sendo um indicador de estar mais propenso a ter perturbações de ansiedade, ao invés de que uma maior sensibilidade para *BAS* tem ajudado a explicar comportamentos de risco de adolescentes, tais como o desenvolvimento de psicopatologias (Gray et al., 2016).

No caso do *BAS*, este é caracterizado por ser a resposta a pistas de recompensas, fugas e evitamentos. Logo, o indivíduo responde (reage), quando sinaliza uma consequência recompensadora, de fuga ou de evitamento (Gray et al., 2016). A função do *BAS* é de facilitar a abordagem a recompensas e é desencadeado por pistas que incentivam paradigmas de recompensas e pistas de segurança que ativam paradigmas de evitação (Urošević et al., 2012). Foi pensado para mediar reações a estímulos condicionados e incondicionados, produzindo um efeito positivo, motivação e comportamentos impulsivos (Weydmann et al., 2020).

O *BAS* divide-se em três subescalas: *Fun Seeking*; *Drive*; e *Reward Responsiveness*. O *RR* compreende itens que se referem à excitação associada com obter uma recompensa, o *D* compreende itens que se referem à persistência na perseguição de um objetivo e o *FS* compreende itens que se referem a, ambos, o desejo de uma nova recompensa e a tendência para impulsivamente abordar uma nova oportunidade para uma recompensa (Moreira et al., 2015). A função do *BAS* é de facilitar a abordagem a recompensas e é desencadeado por pistas que incentivam paradigmas de recompensas e pistas de segurança que ativam paradigmas de evitação (Urošević et al., 2012).

BAS hiper e hiposensitividade tem sido implicado em perturbações bipolares e depressões unipolares, respetivamente (Urošević et al., 2012). Baixo *BIS* e alto *BAS* estão associados com o uso de substâncias psicotrópicas, enquanto o uso recreacional foi associado apenas com alta sensibilidade ao *BAS*. Ainda, altas pontuações *BIS* estão associadas com

sintomas de ansiedade e baixas pontuações BAS, com a depressão (van Lankveld et al., 2015).

No estudo de Jorm, Christensen, Henderson, Jacomb, Körtén, & Rodgers (1998), concluiu-se que o BIS é uma medida de neuroticismo e o BAS uma medida de extraversão. No entanto, Carver e White (1994) referem que o BIS não é uma escala tão fortemente alinhada com outras medidas de ansiedade, porque os seus itens estão escritos para refletir o quão propenso se está para ter ansiedade numa situação em particular, ao invés de quantas vezes se experiênciava ansiedade.

Embora alguns estudos apoiem uma estrutura de cinco fatores para o BIS/BAS (Poythress et al., 2008), neste estudo será seguida a estrutura de quatro fatores, tendo em mente os resultados de Moreira et al. (2015), que refutaram a separação do domínio BIS em dois subdomínios, tendo sido esta a única utilização do instrumento BIS/BAS numa amostra portuguesa.

As propriedades psicométricas para o instrumento BIS/BAS, nos estudos analisados, têm uma média de ,73, para o BIS; ,78, para BAS-D; ,67, para BAS-RR; e ,65, para BAS-FS [Jorm et al. (1998); Urošević, et. al. (2012); Moreira et al. (2015); Gray et al. (2016)], as respetivas ao instrumento original foram BIS=,74; BAS-RR=,73; BAS-D=,76; e BAS-FS=,66 (Carver & White, 1994).

4. Procedimentos

4.1 Processo de recolha de dados

Primeiramente solicitou-se aos autores dos instrumentos, a autorização para a sua utilização, seguindo-se a submissão do projeto à Comissão de Ética da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Foi enviado, também, um pedido de autorização à DGRSP, para a recolha de dados nos EP's da zona norte do país.

Recebidas as autorizações, procedeu-se a um contacto com os Diretores e Adjuntos de cada EP, de forma a combinar uma reunião para obtenção da lista de reclusos que preenchiam os critérios de seleção. Foi enviado, via email, uma descrição do projeto onde constavam os objetivos a serem atingidos e uma breve descrição do mesmo. Após ser obtido um parecer positivo por parte de cada EP, procedeu-se à análise dos processos dos reclusos, de forma a obter os seus dados sociodemográficos e definir em que grupo da amostra (i.e., abuso sexual de menores e violação) pertenciam.

Terminada a análise dos processos de cada indivíduo, prosseguiu-se para o contacto direto com os reclusos. A passagem de questionários foi feita individualmente, tendo sido explicado o objetivo do estudo e sido providenciado o CI (Consentimento Informado) (ver **anexo 1**), sendo que só passariam a responder ao questionário, os indivíduos que o assinassem. Indivíduos com dificuldades na leitura requisitaram que, quer o CI, quer o questionário, fossem lidos pela investigadora. Este procedimento foi repetido com todos os participantes e em todos os EP's.

O presente estudo respeitou o código ético da investigação científica e todos os procedimentos de proteção de dados elencados no Regulamento Geral de Proteção de Dados. Ademais, foram respeitados todos os elementos elencados no Código Europeu de Conduta para a Integridade na Investigação. No formulário de CI (ver **anexo 1**), foram descritos os objetivos bem como os procedimentos do estudo. Os participantes foram informados que o estudo era confidencial e que a sua participação era de caráter voluntário, podendo ser interrompida a qualquer momento, não resultando em qualquer tipo de penalização. A cada indivíduo foi atribuído um código por forma a identificar os participantes e a associar os dados recolhidos (através das diversas fontes). Este código numérico não teve qualquer elemento associativo à identidade do participante.

Todos os contactos estabelecidos foram feitos conforme as normas da DGS, de modo a cumprir com as regras de segurança, previamente requisitadas e confirmadas, face à pandemia vivenciada.

4.2 Procedimentos de Análise de Dados

Após o processo de recolha de dados, e com o intuito de testar as hipóteses formuladas, os dados dos questionários foram inseridos numa base de dados posteriormente submetida a um tratamento estatístico mediante o apoio do programa informático IBM SPSS, Versão 27.0.

A análise da base de dados foi orientada pelos objetivos de investigação, como se passa a descrever.

4.2.1 Análise Estatística Descritiva

A análise de estatística descritiva teve como finalidade organizar e descrever os dados recolhidos. No que concerne às variáveis quantitativas, foram utilizadas medidas como a média amostral e o desvio-padrão, para examinar a dispersão das observações face ao valor

médio. Relativamente às variáveis qualitativas (nomeadamente sociodemográficas), foram utilizadas medidas de frequência. Assim, procedeu-se à caracterização da amostra relativamente aos dados sociodemográficos e ainda relativamente às variáveis em estudo, nomeadamente, tipo de crime.

Foram realizados, ainda, testes de consistência interna do conjunto de itens que dão origem às subescalas do BIS/BAS, TriPM e CAPP-SR. Para tal, utilizou-se o índice do alfa de *cronbach* (α), em que, tendo por base os padrões estatísticos definidos na literatura, valores de α inferiores a 0,6 são considerados como sendo inaceitáveis, entre 0,6 e 0,7 são considerados baixos (mas aceitáveis), entre 0,7 e 0,8 razoáveis, entre 0,8 e 0,9 bons, e um α maior que 0,9 é considerado excelente (Hill & Hill, 2000).

4.2.2 Associações entre escalas

Procedeu-se também ao estudo de correlações entre os domínios de cada instrumento. Neste sentido, para a realização de estudos de correlações entre variáveis utilizaram-se coeficientes de correlação sendo que estes são úteis para a caracterização da associação entre duas variáveis quanto à direção e intensidade, não contribuindo, no entanto, para a inferência de causalidade entre as mesmas.

De acordo com Marôco (2011) o coeficiente de correlação que mais se adequa para estudar a associação entre duas variáveis quantitativas é o coeficiente de correlação de *Pearson*, onde é necessária a presença de alguns pressupostos, sendo um deles a questão do tipo das variáveis (ambas devem ser quantitativas).

Tendo como base as diretrizes do trabalho de Cohen (1988) e, partindo do pressuposto de que o valor absoluto do coeficiente de correlação expressa a intensidade da relação entre as variáveis em estudo, consideram-se correlações fracas quando o valor absoluto do coeficiente de correlação é inferior a 0,3; moderadas quando é igual ou superior a 0,3 e inferior a 0,5; e, por fim, correlações fortes quando o valor absoluto é superior a 0,5.

Foram ainda utilizados testes t para amostras independentes para testar hipóteses do grupo 1, relativas à comparação de ASM e violadores e testes t para uma amostra (comparando com os valores normativos da população) para o teste de hipótese do grupo 2.

ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS

1. Descrição das amostras

Na **tabela 1**, constam as características sociodemográficas da amostra total. A amostra é constituída por 83 indivíduos reclusos do sexo masculino, tendo o participante mais novo, 26 anos e o mais velho 70 anos ($M = 46,08$; $DP = 10,338$). No que concerne às penas obtidas, estas estão compreendidas entre os 3 (6,0%) e os 25 (2,4%) anos, sendo que para 17 dos participantes não havia informações sobre esta variável. Por fim, a escolaridade dos participantes está compreendida entre 0 anos de estudos ($n = 1$) e 15 anos ($n = 1$), sendo a média de anos a estudar pelos participantes é de 6,17.

Tabela 1

Análise descritiva das variáveis sociodemográficas da amostra total

	n	Prevalência corrente
Tipo de Crime		
Abuso Sexual de Menores	48	57,8%
Violação	35	42,2%
Antecedentes Criminais		
Primário	48	57,8%
Reincidente	35	42,2%
Estado Civil		
Casado	23%	
Divorciado	17%	
Solteiro	37%	
União de Facto	5%	
Sem dados	1%	

Nota: N: número de sujeitos.

Os crimes pelos quais os sujeitos foram condenados são os seguintes: violação, violação agravada, coação sexual, coação sexual agravada, abuso sexual de crianças, abuso sexual de crianças agravado, abuso sexual de crianças agravado com trato sucessivo, abuso

sexual de menores, abuso sexual de menores dependentes, abuso sexual de pessoas incapazes de resistência, abuso sexual de adolescentes, atos sexuais com adolescentes e atos sexuais com adolescentes agravado. Foram agrupados nas duas categorias do estudo (abuso sexual de menores e violação) através de uma leitura dos seus processos.

Apresentam-se no grupo de abuso sexual de menores, os indivíduos que participaram em atos sexuais com pessoas com menos de 18 anos e no grupo de violação, os indivíduos que participaram em atos sexuais com pessoas com idades acima dos 17 anos. A **tabela 2**, apresenta as características sociodemográficas de cada um dos grupos de ofensores.

Tabela 2

Análise descritiva das características sociodemográficas de acordo com o tipo de crime

Variáveis		ASM (n=48)	Violador (n=35)
Idade (M)		48,21	43,17
Antecedentes Criminais (%)	<i>Primário</i>	72,9%	37,1%
	<i>Reincidente</i>	27,1%	62,9%
Escolaridade (M)		6,17	6,17
Pena* (M)		8,29	10,56
Estado Civil (%)	<i>Divorciado</i>	25,0%	14,3%
	<i>Casado</i>	35,4%	17,1%
	<i>Solteiro</i>	31,3%	62,9%
	<i>União de Facto</i>	6,3%	5,7%
	<i>Sem dados</i>	2,1%	0

Nota: *: 7 indivíduos do grupo dos abusadores sexuais de menores e 10 indivíduos do grupo dos violadores, não contaram para a média, por falta de informação sobre esta variável.

2. Testes de consistência interna

Os valores de alfa de *Cronbach* para os domínios BIS/BAS foram satisfatórios e foram de acordo com o encontrado na literatura (ver **tabela 3**), sendo $\alpha = ,73$, para o BIS; $\alpha = ,78$, para BAS-D; $\alpha = ,67$, para BAS-FS; e $\alpha = ,65$, para BAS-RR [Jorm et al. (1998); Urošević, et al. (2012); Moreira et al. (2015); Gray et al. (2016)].

Tabela 3

Valores dos domínios BIS/BAS

BIS/BAS	M	PD	N itens	α
BIS	21,17	4,37	7	,731
BAS <i>Fun Seeking</i>	11,94	3,09	4	,655
BAS <i>Drive</i>	11,41	3,98	4	,882
BAS <i>Reward Responsiveness</i>	16,29	3,19	5	,665

Nota: Os itens que faltam (1, 6, 11 e 17) não foram usados na escala original.

Optou-se por retirar os itens 2 e 22, visto que a análise de consistência interna demonstra que ao fazê-lo a consistência do instrumento aumenta. Esta necessidade pode ter ocorrido por estes itens serem os únicos que não são inversos, o que torna a sua compreensão mais complicada para os participantes.

Tabela 4

Valores dos domínios TriPM

TriPM	M	DP	N itens	α
Ousadia	24,93	7,65	19	,591
Desinibição	24,33	12,14	20	,833
Malvadez	10,33	8,17	19	,775

Os valores alfa de *Cronbach* para o instrumento TriPM, encontrados na literatura, foram, em média, $\alpha = ,84$, para Ousadia; $\alpha = ,87$, para Malvadez; e $\alpha = ,84$, para Desinibição [Sellbom & Phillips (2013); Sellbom, Wygant, & Drislane (2015); van Dongen et al., (2017)]. Posto isto, os valores do alfa de *Cronbach* no presente estudo apresentam consistência interna

e vão de acordo com o encontrado na literatura, tendo apenas o domínio Ousadia apresentado valores muito menores ao da literatura (ver **tabela 4**).

Tabela 5

Valores dos domínios CAPP-SR

CAPP-SR	M	DP	N itens	α
<i>Attachment</i>	20,95	5,14	12	,541
<i>Behavioral</i>	30,65	6,41	16	,610
<i>Cognitive</i>	29,96	7,50	15	,715
<i>Dominance</i>	30,61	7,02	18	,636
<i>Emotional</i>	30,08	5,71	15	,499
<i>Self</i>	48,67	9,76	21	,735

Os valores do alfa de *Cronbach*, para os domínios do CAPP-SR, foram maioritariamente satisfatórios, sendo que apenas o domínio de *Emotional* ($\alpha = 0,499$), não revela valores de consistência interna aceitáveis (ver **tabela 5**). Os valores encontrados na literatura, para cada domínio do CAPP-SR apresentaram-se mais elevados, tendo sido *Attachment*: $\alpha = ,89$; *Behavioral*: $\alpha = ,84$; *Cognitive*: $\alpha = ,75$; *Dominance*: $\alpha = ,90$; *Emotional* $\alpha = ,72$; e *Self* $\alpha = ,88$ (Sellbom, Cooke, & Hart, 2015).

3. Análise de convergência entre escalas

Relativamente às correlações (ver **anexo 4**), os resultados mostraram que os domínios *Attachment* ($r = ,493$; $p < 0,01$) e *Behavioral* ($r = ,358$; $p < 0,01$), do CAPP-SR, demonstraram uma correlação positiva moderada com o domínio Malvadez; Desinibição teve uma correlação positiva fraca com *Attachment* ($r = ,273$; $p < 0,05$) e uma correlação positiva forte com *Behavioral* ($r = ,517$; $p < 0,01$); e BAS-FS teve correlações positivas fracas com *Attachment* ($r = ,224$; $p < 0,05$) e *Behavioral* ($r = ,282$; $p < 0,05$). O domínio *Cognitive*, correlacionou-se positivamente com os supramencionados [correlações moderadas com Malvadez ($r = ,482$; $p < 0,01$) e Desinibição ($r = ,472$; $p < 0,01$), e correlação fraca com BAS-FS ($r = ,286$; $p < 0,01$)] e, ainda, teve uma correlação positiva moderada com BAS-D ($r = ,305$; $p < 0,01$). O domínio *Dominance*, teve correlações positivas moderadas com os domínios supramencionados (Malvadez: $r = ,465$; $p < 0,01$; Desinibição: $r = ,319$; $p < 0,01$;

BAS-D: $r = ,330$; $p < 0,01$; e BAS-FS: $r = ,400$; $p < 0,01$) e teve uma correlação positiva fraca com Ousadia ($r = ,248$; $p < 0,05$). Ao domínio *Emotional*, para além das correlações positivas moderadas com os domínios supramencionados (Malvadez: $r = ,423$; $p < 0,01$; Desinibição: $r = ,301$; $p < 0,01$; BAS-D: $r = ,398$; $p < 0,01$; e BAS-FS: $r = ,320$; $p < 0,01$), foi ainda acrescentada a correlação positiva moderada com BAS-RR ($r = ,317$; $p < 0,01$). Relativamente ao domínio *Self*, do CAPP-SR, este, teve uma correlação positiva fraca com Malvadez ($r = ,264$; $p < 0,05$), BAS-D ($r = ,294$; $p < 0,01$), BAS-FS ($r = ,285$; $p < 0,01$) e uma correlação positiva moderada com BAS-RR ($r = ,317$; $p < 0,01$).

O domínio Malvadez da TriPM teve uma correlação fraca positiva com BAS-FS ($r = ,235$; $p < 0,05$) e correlação uma fraca negativa com BIS ($r = ,288$; $p < 0,01$). Já Ousadia teve uma correlação negativa moderada com BIS ($r = ,349$; $p < 0,01$), uma correlação moderada positiva com BAS-FS ($r = ,361$; $p < 0,01$) e uma correlação positiva fraca com BAS-D ($r = ,220$; $p < 0,05$). Por último, o domínio Desinibição apresentou uma correlação positiva fraca com BAS-FS ($r = ,287$; $p < 0,01$).

Em relação a correlações entre domínios dos mesmos instrumentos, BAS-D teve uma correlação positiva forte com BAS-FS ($r = ,527$; $p < 0,01$) e BAS-RR ($r = ,521$; $p < 0,01$). BAS-FS correlacionou-se positiva e moderadamente com o domínio BAS-RR ($r = ,398$; $p < 0,01$), que por sua vez, se correlacionou positiva e moderadamente com o domínio BIS ($r = ,355$; $p < 0,01$). Relativamente ao instrumento TriPM, houve apenas uma correlação positiva e moderada entre Malvadez e Desinibição ($r = ,483$; $p < 0,01$). Por fim, e no que se refere ao instrumento CAPP-SR, todos os domínios se correlacionaram positivamente entre si, apresentando correlações moderadas ou fortes.

4. Teste de hipótese do Grupo 1

Ao testar as **hipóteses do grupo 1**, relativas à comparação dos dois grupos de ofensores, verificou-se que participantes do grupo violadores apresentam valores significativamente mais elevados de Ousadia ($M = 27,14$; $DP = 7,79$) do que participantes do grupo ASM ($M = 23,33$; $DP = 7,21$); participantes do grupo ASM apresentam significâncias marginais de BIS ($M = 17,39$; $DP = 2,91$) do que participantes do grupo violadores ($M = 16,05$; $DP = 3,83$); e participantes do grupo violadores apresentam significâncias marginais de Desinibição ($M = 27,22$; $DP = 13,76$) do que participantes do grupo ASM ($M = 22,22$; $DP = 10,45$) (ver **anexos 7**). Logo, foram suportadas três hipóteses do estudo (H1.1, H1.2 e H1.3).

Relativamente à H1.4: “níveis significativamente mais elevados nos domínios *Attachment*, *Dominance* e *Self*, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores”, os valores encontrados não foram de acordo com a literatura e aquilo que era pretendido ser mostrado através da hipótese. Isto porque os domínios *Attachment*, *Dominance* e *Self* não demonstraram diferenças significativas entre os dois grupos de ofensores (ver **anexo 7**).

5. Teste das hipóteses do Grupo 2

De forma a testar as **hipóteses do grupo 2**, que postulam comparações entre os grupos de ofensores com a população em geral, procedeu-se a um teste-*t* de uma amostra, comparando os valores obtidos no estudo, com aqueles de estudos de referência em populações não forenses. Os valores da população em geral foram retirados de artigos e de uma dissertação de mestrado, que utilizaram amostras portuguesas para os seus estudos. Posto isto, os valores da população em geral para TriPM e CAPP-SR, foram retirados de: Paiva et al. (2020) e Carreira (2021), respetivamente. Não foi possível obter os valores para o instrumento BIS/BAS, referentes à população portuguesa.

Verificou-se que participantes do grupo forense apresentam valores significativamente mais elevados de Desinibição ($t(82) = 6,931$, $p < 0,05$) e *Self* ($t(82) = 2,123$, $p < 0,05$) do que participantes do grupo não-forense (valor de teste: Desinibição = 15.1; *Self* = 46.5) e participantes do grupo não-forense apresentam valores significativamente mais elevados de *Dominance* ($t(82) = -4,131$, $p < 0,05$) e Ousadia ($t(82) = -5,187$, $p < 0,05$) do que participantes do grupo forense (valor de teste: *Dominance* = 33.8; Ousadia = 29.3) (ver **anexo 8**). Sendo que os resultados do domínio *Self* são coincidentes com os dados da dissertação de onde foram retirados os valores da população em geral (Carreira, 2021), em que o domínio *Self* distinguiu a amostra da população geral da amostra forense.

6. Outras análises exploratórias

Relativamente à comparação dos dois grupos de ofensores, apresentadas acima, iremos referir outros resultados importantes que obtivemos, não referentes às hipóteses propostas. Verificámos que participantes do grupo ASM apresentam, a nível significativamente marginal, valores mais elevados de *Emotional* ($M = 31,12$; $DP = 5,31$) do que participantes do grupo violadores ($M = 28,65$; $DP = 6,00$) e participantes do grupo violadores apresentam, a

nível significativamente marginal, valores mais elevados de BAS-FS ($M = 12,05$; $DP = 2,75$) do que participantes do grupo ASM ($M = 10,97$; $DP = 2,93$) (ver **anexo 7**).

DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO

A presente investigação teve como objetivo delinear um estudo comparativo entre abusadores sexuais de menores e violadores à luz de três instrumentos, CAPP-SR, TriPM e BIS/BAS. Os valores obtidos por cada uma destas amostras foram ainda comparados com os valores normativos da população em geral, para BAS, BIS, Malvadez e *Behavioral*, com as duas amostras de ofensores

Foram formulados os seguintes objetivos específicos: 1) Verificar a consistência interna dos instrumentos utilizados (CAPP-SR, TriPM e BIS/BAS); 2) Comparar o grupo de abusadores sexuais de menores com o grupo de violadores, nos domínios BIS, Ousadia, Desinibição, *Attachment*, *Dominance* e *Self*; 3) Comparar os dois grupos de ofensores, com valores da população em geral, nos domínios BAS, BIS, Malvadez e *Behavioral*.

No sentido de testar cada uma das relações propostas nos objetivos específicos, foram formuladas as seguintes hipóteses: H1.1: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente menores de BIS, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores; H1.2: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados de Ousadia, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores; H1.3: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados de Desinibição, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores; H1.4: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados nos domínios *Attachment*, *Dominance* e *Self*, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores; H2.1: Ambas as amostras apresentarão pontuações significativamente mais elevadas de BAS, comparativamente à população em geral; H2.2: Ambas as amostras apresentarão pontuações significativamente mais elevadas de BIS, comparativamente à população em geral; H2.3: Ambas as amostras apresentarão níveis significativamente mais elevados de Malvadez, comparativamente à população em geral; H2.4: Ambas as amostras apresentarão níveis significativamente mais elevados no domínio *Behavioral*, comparativamente à população em geral.

Ao nível da análise descritiva que foi conduzida, pode-se concluir que a maioria da amostra não tinha antecedentes criminais, não era casado e tinham em média 46,08 anos no

momento do estudo. Se analisarmos os grupos de ofensores separadamente, pode ser concluído que os dois grupos diferem das seguintes formas: violadores receberam, em média, penas mais elevadas e tiveram penas mais longas, que o grupo de abusadores sexuais de menores. Mais abusadores sexuais de menores foram ofensores primários, enquanto os violadores, usualmente, tinham antecedentes criminais. Ambos os grupos de ofensores tinham completado 6 anos de escola e violadores eram ligeiramente mais novos que os abusadores sexuais de menores na altura da consulta dos processos, o que corrobora a ideia defendida de que os abusadores sexuais de menores normalmente são indivíduos mais velhos (e.g. Hollin, 2001). Por último, a maioria dos violadores estavam solteiros, ao contrário dos ASM, o que vai de encontro ao que normalmente é encontrado em estudos sobre estes grupos, em que ASM tendem a ser casados ou a viver em união de facto (Seto et al., 2015).

Face ao primeiro objetivo do estudo, o BIS/BAS demonstrou uma boa consistência interna, tendo os seus valores ido de acordo com os encontrados na literatura, tendo apenas sido necessário eliminar os itens 2 e 22, como referido no capítulo de apresentação dos resultados. No que concerne ao instrumento TriPM, os valores apresentaram consistência interna e foram de acordo com o encontrado na literatura, tendo apenas o domínio Ousadia apresentado valores muito menores [Sellbom & Phillips (2013); Sellbom, Wygant, & Drislane (2015); van Dongen et al. (2017)]. Por último, quanto ao CAPP-SR, os valores foram maioritariamente satisfatórios, sendo que apenas o domínio de *Emotional* ($\alpha = 0,499$) não revelou valores de consistência interna aceitáveis.

Relativamente às correlações entre os domínios dos instrumentos, Ousadia apareceu correlacionada com BAS-D e BAS-FS, resultado que corrobora os apresentados no estudo de Sellbom e Phillips (2013), onde a dimensão Ousadia foi o melhor preditor de traços de personalidade narcisistas, de procura de aventura e de experienciar situações, tendo aparecido associada com o BAS-D e BAS-FS. Ainda nesse estudo, Ousadia foi o mais forte preditor de BIS, e Malvadez e BIS apareceram correlacionados, que é replicado nos nossos resultados. Desinibição e BAS-FS correlacionaram-se, resultado que aparece, também, no estudo de Sellbom e Phillips (2013).

Em relação a correlações entre domínios dos mesmos instrumentos, no BIS/BAS, os resultados apareceram como semelhantes aos do estudo de Moreira et al. (2015). Tendo apenas havido uma diferença em que BIS não se correlacionou com BAS-D e BAS-FS, no nosso estudo. No entanto, estes resultados são expectáveis tendo apenas aparecido uma correlação entre todos os domínios, nos estudos de Moreira et al. (2015) e Beck et al. (2009).

Posto isto, estes são resultados consistentes com as origens conceptuais do instrumento, em que os três domínios BAS apareceram mais fortemente relacionados uns com os outros. Relativamente ao instrumento CAPP-SR, todos os domínios correlacionaram-se entre si. Isto vai de acordo com o estudo de Carreira (2021) onde os valores também se apresentaram como semelhantes, nas correlações feitas com os dados da população forense.

No instrumento TriPM, apenas Malvadez e Desinibição se correlacionaram. Estes resultados são coincidentes com os do estudo de Paiva et al. (2020), em que Malvadez apareceu como positivamente correlacionado com Desinibição e não houve correlação entre Ousadia e Desinibição. No entanto, a correlação entre Malvadez e Ousadia, não foi replicada no nosso estudo. Este resultado é uma anomalia dos dados, não tendo isto ocorrido em estudos anteriores e tendo as correlações entre Malvadez e Ousadia, com os restantes domínios tido valores normais [i.e.: ambas se correlacionaram inversamente com o domínio BIS e positivamente com *Dominance* e Malvadez correlacionou-se positivamente com *Emotional* e *Self* (ver **anexo 4**)].

Passaremos a analisar mais especificamente os resultados obtidos atendendo às hipóteses colocadas.

H1.1: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente menores de BIS, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores.

Através dos resultados obtidos verificámos a existência de diferenças entre os ofensores, tendo o grupo de ofensores abusadores sexuais de menores apresentado valores mais elevados, que é um resultado que vai de acordo com a literatura (Jorm et al., 1998; van Lankveld et al., 2015; Gray et al., 2016).

De salientar que nas restantes dimensões do BIS/BAS, o domínio BAS-FS apresentou significância marginal ao comparar os dois grupos, tendo aparecido mais elevado no grupo de violadores. A corroborar este resultado temos o estudo de van Lankveld et al. (2015), onde as três subescalas BAS computadas, apresentaram-se mais elevadas no grupo de violadores. São necessários mais estudos com os domínios BAS separados (BAS-D, BAS-FS e BAS-RR), de forma a perceber se os resultados poderão ser generalizados.

H1.2: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados de Ousadia, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores.

Tendo em conta os resultados obtidos, verificámos a existência de diferenças entre os dois grupos ofensores, tendo o grupo de ofensores violadores apresentado valores mais elevados, que é um resultado que vai de acordo com a literatura e estudos existentes (Sellbom & Phillips, 2013). Weidacker et al. (2017) demonstrou que indivíduos com traços de Ousadia são calmos e racionais mesmo em situações emocionais e são capazes de cumprir uma tarefa, mesmo tendo outras distrações. Além disso, eles prosperam em situações de risco e são capazes de cometer riscos calculados e desfrutar de situações de alta pressão, que outros podem achar stressantes. Ainda, Gray et al. (2019) mostraram que a Ousadia está associada a níveis elevados de violência instrumental, mas não reativa, que são características associadas aos ofensores violadores.

H1.3: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados de Desinibição, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores.

Através dos resultados obtidos verificámos a existência de diferenças entre os ofensores, tendo o grupo de ofensores violadores apresentado valores mais elevados, que é um resultado que vai de acordo com a literatura e estudos existentes (Sellbom & Phillips, 2013; Weidacker et al., 2017). Pesquisas anteriores associaram a Desinibição a uma maior tendência de banalizar o comportamento sexual de risco (Brislin et al., 2017), o que se encontra associado a ofensores violadores.

H1.4: A amostra de ofensores violadores apresentará níveis significativamente mais elevados nos domínios Attachment, Dominance e Self, comparando à amostra de ofensores abusadores sexuais de menores.

No que diz respeito à H1.4, verificámos que os três domínios da CAPP-SR não demonstraram diferenças significativas entre os dois grupos de ofensores.

De salientar que nas restantes dimensões do CAPP-SR, o domínio *Emotional* apresentou-se mais elevado no grupo de abusadores sexuais de menores. Uma explicação para estes resultados pode-se dever ao facto de a nossa amostra ser apenas composta de ASM de contacto, não havendo ASM de não-contacto (i.e., com ofensas de *voyeurismo*, pornografia infantil ou exibicionismo) no nosso grupo. Tem vindo a ser sugerido que estes dois subgrupos podem ser distinguidos através de variadas características, especificamente que os ASM de

não-contato são caracterizados por uma presença de fatores protetores (i.e., baixa antissocialidade, bom controle de impulsos e empatia) (Seto, Sandler, & Freeman, 2017). Estas características previnem que cometam ofensas de contato (Seto, Sandler, & Freeman, 2017) e se consigam distinguir dos ASM de contato. Posto isto, os maiores níveis do domínio *Emotional* no grupo de ASM, comparativamente ao grupo de violadores, pode ser devido à presença de maiores níveis de psicopatia em grupos de ASM de contato.

Ainda uma outra possível explicação para este resultado, são as distorções cognitivas que os ASM ganham ao longo do tempo. Estes ofensores, normalmente, não apresentam empatia pela própria vítima, devido a estas distorções, logo não sentem remorsos ou culpa, porque acreditam que não fizeram nada de mal (Ciardha & Ward, 2013). Isto ajuda a compreender o valor mais elevado de *Emotional*, que é um domínio representado por baixos remorsos, baixa ansiedade e baixa profundidade emocional.

H2.3: Ambas as amostras apresentarão níveis significativamente mais elevados de Malvadez, comparativamente à população em geral.

Da análise dos resultados podemos concluir que os valores de Malvadez não apresentaram valores significativamente diferentes dos da população em geral. Este resultado vai ao encontro dos resultados do estudo de Paiva et al. (2020), onde não foi encontrado poder discriminativo entre populações forenses e não forenses. Isto vem mostrar que o que tem poder discriminante na TriPM são os fatores inerentes à externalização, sendo que a maior parte das vezes não parece haver interação com as características afetivas. Logo, se os indivíduos não forem desinibidos, há igual probabilidade de encontrar valores elevados de Malvadez em populações forenses e populações não forenses.

De salientar que nas restantes dimensões do TriPM, os domínios Desinibição e Ousadia apresentaram diferenças significativas entre os dois grupos de comparação. Sendo que, para Ousadia, houve resultados mais elevados no grupo da população geral e para Desinibição, para o grupo de ofensores sexuais. Indivíduos com traços de Ousadia são calmos e racionais, mesmo em situações emocionais. São capazes de se comprometer com uma tarefa, mesmo com outras distrações. Ainda prosperam em situações de alto risco e são capazes de cometer riscos calculados e gostar de situações de alta pressão, que outros indivíduos podem achar stressantes. Já, níveis altos de Desinibição, estiveram associados com indivíduos que vão tender a agir precipitadamente em situações emocionais (quer negativas quer positivas) e têm problemas em pensar nas consequências das suas ações (Weidacker et

al., 2017). Logo, os nossos resultados encontram-se de acordo com o esperado para as populações estudadas, onde o grupo forense, tende a agir mais precipitadamente e o grupo de população geral, calcula os riscos que toma.

H2.4: Ambas as amostras apresentarão níveis significativamente mais elevados no domínio Behavioral, comparativamente à população em geral.

Os resultados revelaram que não houve diferenças significativas entre o grupo de ofensores e os valores da população geral. O que vai de encontro aos resultados do estudo de Carreira (2021), onde o domínio *Behavioral* não conseguiu discriminar a população forense e a não forense. Tal como foi supramencionado e é replicado nestes resultados o que tem poder discriminante também no instrumento CAPP-SR são os fatores inerentes à externalização, sendo que a maior parte das vezes não parece haver interação com as características afetivas.

De salientar que nas restantes dimensões do CAPP-SR, os domínios *Dominance* e *Self*, apresentaram diferenças significativas entre os dois grupos de comparação. Sendo que para *Dominance* houve resultados mais elevados no grupo da população geral (manipulativos, incineros, tagarelas e traiçoeiros) e para *Self*, para o grupo de ofensores sexuais (pouco vulneráveis, conceito interior instável, justificativos e egocêntricos).

Posto isto, os nossos resultados sugerem que abusadores sexuais de menores e violadores constituem dois grupos diferentes de ofensores sexuais. Pontuações elevadas nos domínios BIS e *Emotional* sugerem que os ASM são mais ansiosos, tendem a inibir o seu comportamento em situações perigosas e que incluem sinais de punição, têm falta de profundidade e estabilidade emocional e falta de remorsos. Estes resultados estão de acordo com os estereótipos de ASM, em que como estes apresentam mais distorções cognitivas, e como não utilizam tanto a força para cometer as suas ofensas, acabam por acreditar que não fizeram mal e que a criança também quis. Isto leva a que não apresentem empatia pela própria vítima. Ainda, o facto de a ofensa ser muitas vezes algo planeado e à base da sedução, também suporta os nossos resultados. Já o grupo de ofensores violadores apresentaram pontuações elevadas nos domínios BAS-FS, Ousadia e Desinibição, estes resultados sugerem que, estes indivíduos, são mais impulsivos, narcisistas, têm uma eficácia social alta, tendem a permanecer calmos em situações que envolvam ameaças e procuram mais aventura. O que vai de acordo com o esperado, visto que os violadores são, de forma recorrente, caracterizados

como mais impulsivos e mais reativos, comparativamente aos ASM, que são descritos como mais ponderados.

Relativamente às comparações com a população em geral, os nossos resultados indicam que existem algumas diferenças entre estes dois grupos. Os ofensores sexuais apresentaram-se como tendo um pobre controlo de impulsos, má regulação emocional e um conceito próprio instável, pobre planeamento das suas ações e egocêntricos. Já a amostra comunitária, apresenta-se como mais manipulativa, menos sincera, traiçoeira, com maior eficácia social, calma e racional. Embora não fossem resultados esperados, estes acabam por ir de acordo com a forma como a literatura caracteriza estes dois grupos, a amostra forense ser mais impulsiva e a amostra comunitária ter uma maior eficácia social.

Potencialidades e implicações para investigações futuras

Primeiramente, é importante realçar os pontos fortes desta investigação. Para nosso conhecimento, este é o primeiro estudo onde a escala CAPP-SR foi utilizada numa amostra de ofensores sexuais, o que constitui uma inovação. Em segundo lugar, é um estudo que contribuiu e faz parte de um esforço maior para a validação e tradução do CAPP-SR para a língua portuguesa europeia.

A reduzida amostra representa a maior limitação do nosso estudo, tendo sido difícil conseguir constituir cada subtipo criminal com o mesmo número médio de indivíduos, o que poderá ter influência nos resultados. A amostra pequena é problemática porque limita a potência e a variabilidade. Limitou o poder do estudo, bem como a sua validade externa e generalização para a população em geral. Destaca-se a necessidade de uma amostra maior para aumentar o poder de detetar efeitos, tal como permitir que as diferenças encontradas se atribuam às características dos indivíduos e não possamos ter dúvidas resultantes do número de elementos em cada subgrupo da amostra. Há que considerar também a questão da desejabilidade social, no sentido em que a presença da investigadora no preenchimento dos questionários possa ter condicionado respostas. Ademais, algumas questões despertaram maiores dúvidas nos participantes, tal como, questões inversas (dupla negativa) e questões de comparação, pelo que é importante denotar que talvez alguns indivíduos não tenham respondido com a sua total compreensão. Ainda, estes ofensores apenas representam ofensores de prisões do norte de Portugal. Uma replicação deste estudo numa região maior seria de grande interesse. Por último, o ambiente vivenciado, durante o percurso de realização do estudo, representa uma das maiores limitações. Visto que esta investigação foi realizada

durante uma pandemia (COVID-19), a recolha de dados demarcou-se como desafiante, em termos de atrasos em receber autorizações e em poder fazer a investigação nos estabelecimentos prisionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abel, G. G., Becker, J. V., & Cunningham-Rathner, J. (1984). Complications, consent, and cognitions in sex between children and adults. *International Journal of Law and Psychiatry*, 7(1), 89–103. [https://doi.org/10.1016/0160-2527\(84\)90008-6](https://doi.org/10.1016/0160-2527(84)90008-6)
- Alder, C. (1987). The Convicted Rapist. A Sexual or a Violent Offender? *SAGE Social Science Collections*, 9(2), 183–205. <http://hjb.sagepub.com.proxy.lib.umich.edu/content/9/2/183.full.pdf+html>
- American Psychiatric Association (2014). Manual de diagnóstico e estatístico das perturbações mentais, 5ª Edição, 683-706.
- Baptista, R. S., França, I. S., Costa C. M., & Brito, R. S. (2008). Caracterização do abuso sexual de crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. *Acta Paul Enferm*, 21(4), 602-608
- Barbaree, H. E., Marshall, W L, Yates, E., & Lightfoot, L. O. (1983). Alcohol intoxication and deviant sexual arousal in male social drinkers. *Behaviour Research and Therapy*, 21, 365-373.
- Barbaree, H. E., Seto, M. C., Serin, R. C., Amos, N. L., & Preston, D. L. (1994). Comparisons between sexual and nonsexual rapist subtypes: Sexual Arousal to Rape, Offense Precursors, and Offense Characteristics. *Criminal Justice and Behavior*, 21(1), 95–114. <https://doi.org/10.1177/0093854894021001007>
- Barbaree, H., & Marshall, W. (1991). The role of male sexual arousal in rape: Six models. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 621-630.
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Wallace, H. M. (2002). Conquest by Force: A Narcissistic Reactance Theory of Rape and Sexual Coercion. *Review of General Psychology*, 6(1), 92–135. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.6.1.92>
- Beck, I., Smits, D., Claes, L., Vandereycken, W., & Bijttebier, P. (2009). Psychometric evaluation of the Behavioral Inhibition/Behavioral Activation System scales and the Sensitivity to Punishment and Sensitivity to Reward Questionnaire in a sample of eating disordered patients. *Personality and Individual Differences*, 47, 407– 412. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2009.04.007>
- Beech, A. R. (1998). A psychometric typology of child abusers. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 42(4), 319–339. <https://doi.org/10.1177/0306624X9804200405>
- Bergen, R. L. K., Edleson, J. L., & Renzetti, C. M. (2005). Violence against women: Classic papers. *Pearson Education New Zealand*, 5–8.
- Bolen, R. M. (2002). Guardian support of sexually abused children: A review and study of its predictors. *Trauma Violence, & Abuse*, 3(1), 40-67.

Brislin, S. J., Venables, N. C., Drislane, L. E., Blonigen, D. M., Iacono, W. G., Tellegen, A., & Patrick, C. J. (2017). Further Validation of Triarchic Psychopathy Scales From the Multidimensional Personality Questionnaire: Setting the Stage for Large-Sample Etiological Studies. *Assessment*, 24(5), 575–590. <https://doi.org/10.1177/1073191115621790>

Brownmiller, S. (2005). *Against Our Will: Men, Women and Rape*.

Burton, K., & Myers, W. C. (1992). Child sexual abuse and forensic psychiatry: Evolving and controversial issues. *Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 20(4), 439–454.

Caeti, T. (2009) *Sex Crimes, Part 2: Child molestation*. Law Enforcement Training Network a division of Critical Information Network: LLC.

Camilleri, J. A., & Quinsey, V. L. (2008). Pedophilia: Assessment and treatment. In D. R. Laws & W. T. O'Donohue (Eds.), *Sexual deviance: Theory, assessment, and treatment* (pp. 183–212). The Guilford Press.

Carreira, I. (2021). *Validação do CAPP-SR em população forense e não-forense em Portugal*. (Dissertação de mestrado) Faculdade de Direito da Universidade do Porto Porto, Portugal.

Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2019). Five-Factor Model of Personality and Sexual Aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 63(5), 797–814. <https://doi.org/10.1177/0306624X13481941>

Carver, C. S., & White, T. L. (1994). Behavioral inhibition, behavioral activation, and affective responses to impending reward and punishment: The BIS/BAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 319.

Ciardha, Ó. C., & Ward, T. (2013). Theories of cognitive distortions in sexual offending: What the current research tells us. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(1), 5–21. <https://doi.org/10.1177/1524838012467856>

Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity; an attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality*. Mosby.

Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Cohen, M. L., Garofalo, R. F., Boucher, R., Seghorn, T. (1971). The psychology of rapists. *Semin Psychiatry*, 3, 307-327.

Cohen, M. L., Seghorn, T., & Calmas, W. (1969). Sociometric study of the sex offender. *Journal of Abnormal Psychology*, 74, 249-255.

Douglas, J. E., Burgess, A. W., Burgess, A. G., & Ressler, R. K. (2006). *Crime classification manual: A standard system for investigating and classifying violent crimes* (2nd ed.). Jossey-Bass.

Finkelhor, D. (1986). *A Sourcebook on child sexual abuse*. Sage.

Finkelhor, D. (2009). The prevention of childhood sexual abuse. *The Future of Children*, 19(2), 169–194. <https://doi.org/10.1353/foc.0.0035>

Finkelhor, D. (1984). *Child sexual abuse: New theory and research*. The Free Press.

Fisher, G., & Rivlin, E. (1971). Psychological needs of rapists. *The British Journal of Criminology*, 11, 182-185.

Flórez, G., Casas, A., Kreis, M. K. F., Forti, L., Martínez, J., Fernández, J., Conde, M., Vázquez-Noguerol, R., Blanco, T., Hoff, H. A., & Cooke, D. J. (2015). A prototypicality validation of the comprehensive assessment of psychopathic personality (CAPP) model Spanish version. *Journal of Personality Disorders*, 29(5), 707–718. <https://doi.org/10.1521/pedi.2014.28.167>

Flórez, G., Ferrer, V., García, L. S., Crespo, M. R., Pérez, M., Saiz, P. A., & Cooke, D. J. (2020). Comparison between the psychopathy checklist-revised and the comprehensive assessment of psychopathic personality in a representative sample of Spanish prison inmates. *PLoS ONE*, 15(2), 1–24. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0228384>

Garofalo, C., Bogaerts, S., & Denissen, J. J. A. (2018). Personality functioning and psychopathic traits in child molesters and violent offenders. *Journal of Criminal Justice*, 55, 80–87. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.02.003>

Gebhard, P., Gagnon, J., Pomeroy, W. & Christensen, C. (1965). *Sex offenders: An analysis of types*. Harper and Row.

Gonçalves, M., (2007). *Código penal português*. 18th ed. Almedina.

Gonçalves, R., & Vieira, S. (2004). A avaliação do risco de violência sexual. *PSICOLOGIA: TEORIA, INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA*, 2, 65-80. <http://hdl.handle.net/1822/4233>

González, E., Martínez, V., Leyton, C. & Bardi, A. (2004). Características de los abusadores sexuales. *Revista Sogia*, 11(1), 6-14.

Graney, D.J., & Arrigo, B.A. (2002). *The power serial rapist: A criminology-victimology typology of female victim selection*. Charles C Thomas.

Gray, J. D., Hanna, D., Gillen, A., & Rushe, T. (2016). A closer look at Carver and White's BIS/BAS scales: Factor analysis and age group differences. *Personality and Individual Differences*, 95, 20–24. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.022>

Gray, N. S., Blumenthal, S., Shuker, R., Wood, H., Fonagy, P., & Snowden, R. J. (2019). The Triarchic Model of Psychopathy and Antisocial Behavior: Results From an Offender Population With Personality Disorder. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260519853404>

Groth, A. N., Hobson, W. F., & Gary, T. S. (1982). the Child Molester: Clinical observations. *Journal of Social Work & Human Sexuality*, 1(1–2), 129–144. https://doi.org/10.1300/j291v01n01_08

Groth, A. N., and Birnbaum, H. J. (1979). *Men Who Rape: The Psychology of the Offender*. Plenum Press.

Groth, A. N., Hobson, W. F., & Gary, T. S. (1982). The child molester: Clinical observations. *Social Work and Child Sexual Abuse: Journal of Social Work and Human Sexuality*, 1(1–2), 129–144. <https://doi.org/10.4324/9781315792767>

Groth, N., & Burgess, A. W. (1977). *Rape a Sexual Deviation*.

Groth, N., Burgess, A. W., & Holmstrom, L. L. (1977). Rape: Power, Anger, and Sexuality. 1239–1243.

Grubin, D. H., & Kennedy, H. G. (1991). The classification of sexual offenders. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 1(2), 123–129. <https://doi.org/10.1002/cbm.1991.1.2.123>

Guttmacher, M., & Weihofen, H. (1952). Sex Offenses. *Journal of Criminal Law and Criminology*, 43(2), 153–175.

Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341–348.

Hall, G., & Hirschman, R. (1991). Toward a Theory of Sexual Aggression: A Quadripartite Model. *Journal of Consulting and clinical Psychology*, 59(5), 662.

Hanson, R. K., & Bussière, M. T. (1998). Predicting relapse: A meta-analysis of sexual offender recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66(2), 348–362. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.66.2.348>

Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1, 111–119.

Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised*. Toronto, ON: Multi-Health Systems. Hare, R. D. (1999). Psychopathy as a risk factor for violence. *Psychiatric Quarterly*, 70, 181–197.

Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised (2nd ed.)*. Toronto: Multi-Health Systems.

Hare, R., D., & Neumann, C., S., (2005). Structural models of psychopathy. *Curr Psychiatry Rep.* 7(1):57–64. <https://doi.org/10.1007/s11920-005-0026-3>

Hazelwood, R. R. (1995). Analysing the rape and profiling the offender. In Hazelwood, R. R. & Burgess, A. W. (Eds.). *Practical aspects of rape investigation: A multidisciplinary approach (2^a ed.)* (pp. 155–181). CRC Press.

Hazelwood, R. R., & Burgess A. W. (1987). *Practical aspects of rape investigation: A multidisciplinary approach*. Elsevier.

Hill, M. M., & Hill, A. (2012). *Investigação por Questionário*. Silabo.

Hoff, E., Rumiche, R., Burrridge, A., Ribot, K. M., & Welsh, S. N. (2014). Expressive vocabulary development in children from bilingual and monolingual homes: A longitudinal study from two to four years. *Early Childhood Research Quarterly*, 29, 433–444. <https://doi.org/10.1017/S0305000910000759>

Hollin, C.R. (2001a). To treat or not to treat: An historical perspective. In C.R. Hollin (Ed.), *Handbook of offender assessment and treatment* (pp. 3-15). John Wiley & Sons.

Holmstrom, L. L., & Burgess, A. W. (1980). Sexual Behaviour of Assailants during Reported Rapes. *Archives of Sexual Behaviour*, 9, 427-439. <https://doi.org/10.1007/BF02115942>

IBM Corp. Released 2020. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 27.0. IBM Corp.

Jisun, P., Louis B., S., Anthony J., P., & Edward F., D. (2010). Serial and Single-Victim Rapists: Differences in Crime-Scene Violence, Interpersonal Involvement, and Criminal Sophistication. *Behavioral Sciences & the Law*, 28(2), 211–223. <https://doi.org/10.1002/bsl>

Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The Exploitive Mating Strategy of the Dark Triad Traits: Tests of Rape-Enabling Attitudes. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 697–706. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-0937-1>

Jorm, A. F., Christensen, H., Henderson, A. S., Jacomb, P. A., Korten, A. E., & Rodgers, B. (1998). Using the BIS/BAS scales to measure behavioural inhibition and behavioural activation: Factor structure, validity and norms in a large community sample. *Personality and Individual Differences*, 26(1), 49–58. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00143-3](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00143-3)

Karli, P., Vergnes, M., Eclander, F., & Penot, C. (1977). Involvement of the amygdala in inhibitory control over aggression in the rat: A synopsis. *Aggressive Behavior*, 3, 157–162.

Knight, R. A., & Prentky, R. A. (1990). Classifying Sexual Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54(3), 327–345. <https://doi.org/10.1177/0306624x08331213>

Knight, R. A., & Guay, J. P. (2006). The Role of Psychopathy in Sexual Coercion against Women. *Handbook of the Psychopathy*, pp. 512–532.

Kopp, S. (1962). The character structure of sex offenders. *American Journal of Psychotherapy*, 16, 64–70.

Koss, M. P. (1985). The hidden rape victim: Personality, attitudinal, and situational characteristics. *Psychology of Women Quarterly*, 9, 193-212.

Koss, M. P. (1992). The underdetection of rape: Methodological choices influence incidence estimates. *Journal of Social Issues*, 48, 61-75

Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: Incidence and prevalence of sexual aggression and victimization among a national sample of students in higher education. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 162-170.

Kreis, M. K. F., Cooke, D. J., Michie, C., Hoff, H. A., & Logan, C. (2012). The Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP): Content validation using prototypical analysis. *Journal of Personality Disorders*, 26(3), 402-413. <https://doi.org/10.1521/pedi.2012.26.3.402>

Kyun Kim, T. (2015). T test as a parametric statistic. *Recipes for Science*, (Table 2), 167-206. <https://doi.org/10.4324/9781315686875-6>

Laerd Statistics (2018) retrieved from <https://statistics.laerd.com/spssutorials/independent-t-test-using-spss-statistics.php>

Langevin, R., Bain, J., Ben-Aron, M., Coulthard, R., Day, D., Handy, L., Heasman, G., Hucker, S., Purdins, J., Roper, V., Russon, A., Webster, C., & Wortzman, G. (1984). Sexual aggression: Constructing a predictive equation. A controlled pilot study. In R. Langevin (Ed.), *Erotic preference, gender identity, and aggression in men: New research studies* (pp. 39-76). Lawrence Erlbaum.

Lilienfeld, S. O., Smith, S. F., Sauvigné, K. C., Patrick, C. J., Drislane, L. E., Latzman, R. D., & Krueger, R. F. (2016). Is boldness relevant to psychopathic personality? Meta-analytic relations with non-psychopathy checklist-based measures of psychopathy. *Psychological Assessment*, 28(10), 1172–1185. <https://doi.org/10.1037/pas0000244>

Lilienfeld, S., O., & Andrews, B., P., (1996). Development and preliminary validation of a self-report measure of psychopathic personality traits in noncriminal populations. *J Pers Assess*. 66(3), 488–524. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6603_3

Lisak, D., & Roth, S. (1990). Motives and psychodynamics of self-reported, unincarcerated rapists. *American Journal of Orthopsychiatry*, 60(2), 268–280. <https://doi.org/10.1037/h0079178>

Looney, T. F. (2007). MMPI-2 profile comparison of intrafamilial and extrafamilial sexual offenders against children. (Masters Dissertation) Pacific University, E.U.A.

Maack, D. J., & Ebesutani, C. (2018). A re-examination of the BIS/BAS scales: Evidence for BIS and BAS as unidimensional scales. *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 27(2), 1–10. <https://doi.org/10.1002/mpr.1612>

Machado, C. (2003). Abuso sexual de crianças. In Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coords.), 2ª. Ed., *Violência e vítimas de crimes* (3rd ed.). (Vol. 2, pp. 41-93). Quarteto Editora.

Machado, C. (2008). Abuso sexual de crianças. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Eds.), *Violência e vítimas de crimes* (3rd ed.). (Vol. 2, pp. 41-93). Quarteto Editora.

Malamuth, N. M., Check, J. V., & Briere, J. (1986). Sexual arousal in response to aggression: Ideological, aggressive, and sexual correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 330–340. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.330>

Mandeville-norden, R., & Beech, A. (2004). Community-based treatment of sex offenders. *Journal of Sexual Aggression*, 10(2), 193–214. <https://doi.org/10.1080/1355260042000261760>

Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª ed.). Pêro Pinheiro, Report Number.

Marotti J, Galhardo APM, Furuyama RJ, Pigozzo MN, Campos TND, Lagana´DC (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Rev Odontol Univ Sao Paulo*; 20(2).

Marshall, W. L., & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds.). *Handbook of sexual assault: Issues, theories and treatment of the offender* (pp. 257–271). Plenum.

Martín, N. & Vozmediano, L. (2014). Conducta de agresión sexual: Revisión de la literatura y propuesta de de análisis mediante el modelo de triple riesgo delictivo. *International E-journal of criminal sciences*, 8, 01-32.

McCabe, M. P., & Wauchope, M. (2005). Behavioural characteristics of rapists. *Journal of Sexual Aggression*, 11(3), 235–247. <https://doi.org/10.1080/13552600500272820>

McNaughton, N., & Gray, J. A. (2000). Anxiolytic action on the behavioural inhibition system implies multiple types of arousal contribute to anxiety. *Journal of Affective Disorders*, 61(3), 161–176. [https://doi.org/10.1016/S0165-0327\(00\)00344-X](https://doi.org/10.1016/S0165-0327(00)00344-X)

Moreira, D., Almeida, F., Pinto, M., Segarra, P., & Barbosa, F. (2015). Data concerning the psychometric properties of the behavioral inhibition/behavioral activation scales for the portuguese population. *Psychological Assessment*, 27(3), 1117–1122. <https://doi.org/10.1037/pas0000108>

Muehlenhard, C. L., Powch, I. G., Phelps, J. L., & Giusti, L. M. (1992). Definitions of rape: Scientific and political implications. *Journal of Social Issues*, 48(1), 23–44. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1992.tb01155.x>

O’Connell, D., & Marcus, D. K. (2016). Psychopathic personality traits predict positive attitudes toward sexually predatory behaviors in college men and women. *Personality and Individual Differences*, 94, 372–376. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.011>

Organização Mundial de Saúde. (1998). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde* (10ª ed).

Paiva, T. O., Almeida, P. R., Coelho, R. C., Pasion, R., Barbosa, F., Ferreira-Santos, F., & Marques-Teixeira, J. (2020). The neurophysiological correlates of the triarchic model of psychopathy: An approach to the basic mechanisms of threat conditioning and inhibitory control. *Psychophysiology*, (July 2019), 1–18. <https://doi.org/10.1111/psyp.13567>

Palermo, G. B. (2003). *Faces of violence* (2nd ed.). Charles C Thomas.

Palermo, G. B., & Farkas, M. A. (2001). *The dilemma of the sexual offender*. Charles C Thomas Publisher.

Palermo, G. B., & Kocsis, R. N. (2005). *Offender profiling: An introduction to the sociopsychological analysis of violent crime*. (R. Slovenko, Ed.). Charles C Thomas Publisher.

Pardue, A., & Arrigo, B. a. (2008). Power, Anger, and Sadistic Rapists. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 378–400.

Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21(3), 913–938. <https://doi.org/10.1017/S0954579409000492>

Pinera-Lucatero AG, Trujillo-Hernandez B, Millan-Guerrero RO, Vasquez C. (2008). Prevalence of childhood sexual abuse among Mexican adolescents. *Child Care Health Dev*; 35:184-189.

Pituch, K. A., & Stevens, J. P. (2016). Applied multivariate statistics for the social sciences: Analyses with SAS and IBM's SPSS.

Polaschek, D. L. L., Ward, T., & Hudson, S. M. (1997). Rape and rapists: Theory and treatment. *Clinical Psychology Review*, 17(2), 117–144. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(96\)00048-7](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(96)00048-7)

Porter, S., Fairweather, D., Drugge, J., Hervé, H., Birt, A., & Boer, D. P. (2000). Profiles of psychopathy in incarcerated sexual offenders. Current perspectives on sex crimes current perspectives on sex crimes (pp. 193–202). <https://doi.org/10.4135/9781452229454.n17>.

Poythress, N. G., Skeem, J. L., Weir, J., Lilienfeld, S. O., Douglas, K. S., Edens, J. F., & Kennealy, P. J. (2008). Psychometric properties of Carver and White's (1994) BIS/BAS scales in a large sample of offenders. *Personality and Individual Differences*, 45(8), 732–737. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.07.021>

Prentky, R. A. & Burgess, A. W. (2000). Forensic management of sexual offenders. Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Prentky, R. A., & Knight, R. A. (1991). Identifying Critical Dimensions for Discriminating Among Rapists. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59(5), 643–661. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.59.5.643>

Quadara, A., Nagy, V., Higgins, D., & Siegel, N. (2015). Conceptualising the prevention of child sexual abuse: Final report (Research Report No. 33). Australian Institute of Family Studies. aifs.gov.au/publications/conceptualising-prevention-child-sexual-abuse.

Quinsey, V. L., & Lalumière, M. L. (1995). Psychopathy is a non-arbitrary class. *Behavioral and Brain Sciences*, 18, 571.

Rada, R. T. (1978). Clinical aspects of the rapist. *New York: Grune & Stratton*, 2, 178. <https://doi.org/10.1093/sw/24.2.178-c>

Rada, R. T., Laws, D. R., & Kellner, R. (1976). Plasma testosterone levels in a rapist. *Psychosomatic Medicine*, 38, 257-268.

Rice, M. E., & Harris, G. T. (2002). Men who molest their sexually immature daughters: is a special explanation required? *Journal of Abnormal Psychology*, 111(2), 329–339. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.111.2.329>

Rice, M. E., Harris, G. T., & Quinsey, V. L. (1990). A follow-up of rapists assessed in a maximum-security psychiatric facility. *Journal of Interpersonal Violence*, 4, 435-448.

Robertiello, G., & Terry, K. J. (2007). Can we profile sex offenders? A review of sex offender typologies. *Aggression and Violent Behavior*, 12(5), 508-518. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2007.02.010>

Salekin, R.T. (2002) Psychopathy and therapeutic pessimism: Clinical lore or clinical reality? *Clinical Psychology Review*, 22, 79-112. [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358\(01\)00083-6](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358(01)00083-6)

Samuels, P. (2016). Advice on Exploratory Factor Analysis. *Centre for Academic Success, Birmingham City University*, (June), 2. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.5013.9766>

Sánchez-Meca, J., Rosa-Alcázar, A. I., López-Soler, C. (2011). The psychological treatment of sexual abuse in children and adolescents: A meta-analysis. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 11, 67-93.

Seale, P. (1987). from the SAGE Social Science Collections. All Rights. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 9(2), 183-205.

Sedgwick, P. (2012). Parametric v non-parametric statistical tests. *BMJ* (Online), 344(7848), 1-2. <https://doi.org/10.1136/bmj.e1753>

Sellbom, M., & Phillips, T. R. (2013). An examination of the triarchic conceptualization of psychopathy in incarcerated and nonincarcerated samples. *Journal of Abnormal Psychology*, 122(1), 208-214. <https://doi.org/10.1037/a0029306>

Sellbom, M., Cooke, D. J., & Shou, Y. (2019). Development and Initial Validation of the Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality–Self-Report (CAPP-SR). Psychological Assessment. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/pas0000714>

Sellbom, M., Wygant, D. B., & Drislane, L. E. (2015). Elucidating the construct validity of the Psychopathic personality inventory triarchic scales. *Journal of Personality Assessment*, 97(4), 374-381. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.962654>

Sequeira, M. J. R. (2013). Abuso sexual infantil – O processo de revelação do abuso sexual: Reações paternas. (Dissertação de Mestrado) ISPA, Lisboa.

Serafim, A. D. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I., & De Barros, D. M. (2009). Psychological and behavioral profile of sexual abusers of children. *Archives of Clinical Psychiatry*, 36(3), 101-111. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000300004>

Seto, M. C. (2008). Pedophilia and sexual offending against children: Theory, assessment, and intervention. American Psychological Association.

Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57

Seto, M. C., Sandler, J. C., & Freeman, N. J. (2017). The revised screening scale for pedophilic interests: predictive and concurrent validity. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 29(7), 636–657. <https://doi.org/10.1177/1079063215618375>

Shechory, M., & Ben-David, S. (2005). Aggression and anxiety in rapists and child molesters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 49(6), 652–661. <https://doi.org/10.1177/0306624X05277943>

Shipley, S. L., & Arrigo, B. A. (2008). Serial Killers and Serial Rapists. In book: *Serial Murder and the Psychology of Violent Crimes*, 119-139. https://doi.org/10.1007/978-1-60327-049-6_8

Smallbone, S.W., and R.K. Wortley (2001). Child Sexual Abuse: Offender Characteristics and Modus Operandi. *Australian Institute of Criminology Trends and Issues in Crime and Criminal Justice*.

Sohn, J. S., Reyes, N. C., Kim, H. (2020). Interpersonal and affective facets and items of the Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R) in predicting child sex offending. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260520958411>

Statistics Solutions (2020). <https://www.statisticssolutions.com/conductinterpret-one-sample-t-test/>

Stroebe, S. S., O’Keefe, S. L., Beard, K. W., Kuo, S., Swindell, S., Kommor, M. J. (2012). Father-daughter incest: Data from an anonymous computerized survey. *Journal of Child Sexual Abuse*, 21, 176-199.

Taveira, F., Frazão, S., Dias, R., Matos, E., & Magalhães, T. (2009). O abuso sexual intra e extra-familiar. *Acta Médica Portuguesa*, 22(6), 759-66.

Tingle, D., Barnard, G. W., Robbins, L., Newman, G., & Hutchinson, D. (1986). Childhood and adolescent characteristics of pedophiles and rapists. *International Journal of Law and Psychiatry*, 9(1), 103–116. [https://doi.org/10.1016/0160-2527\(86\)90020-8](https://doi.org/10.1016/0160-2527(86)90020-8)

Turner, D., Rettenberger, M., Lohmann, L., Eher, R., & Briken, P. (2014). Pedophilic Sexual Interests and Psychopathy in Child Sexual Abusers Working with Children. *Child Abuse*

Urošević, S., Collins, P., Muetzel, R., Lim, K., & Luciana, M. (2012). Longitudinal changes in behavioral approach system sensitivity and brain structures involved in reward processing during adolescence. *Developmental Psychology*, 48(5), 1488–1500. <https://doi.org/10.1037/a0027502>

van Dongen, J. D. M., Drislane, L. E., Nijman, H., Soe-Agnie, S. E., & van Marle, H. J. C. (2017). Further Evidence for Reliability and Validity of the Triarchic Psychopathy Measure in a Forensic Sample and a Community Sample. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 39(1), 58–66. <https://doi.org/10.1007/s10862-016-9567-5>

van Lankveld, J. J. D. M., Platteau, T., van Montfort, K., Nieuwenhuijs, F., & Syroit, J. (2015). The predictive validity of SIS/SES and BIS/BAS scores for sexual and non-sexual

risk behavior. *Personality and Individual Differences*, 79, 7–12. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.01.048>

Vásquez, B. (2005). Manual de Psicología Forense. Síntesis.

Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., Marques-Teixeira, J., & Pedro, S. (2014). The Triarchic Psychopathy Measure (TriPM): translation and adaptation to European Portuguese. *Laboratory of Neuropsychophysiology*.

Vieira, S. M. A. (2010). Ofensores sexuais: Das crenças ao estilo de pensamento. (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga.

Voigt, D. C., Dillard, J. P., Braddock, K. H., Anderson, J. W., Sopory, P., & Stephenson, M. T. (2009). Carver and White's (1994) BIS/BAS scales and their relationship to risky health behaviours. *Personality and Individual Differences*, 47(2), 89–93. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.02.003>

Ward & Hudson (1998). A Model of the Relapse Process in Sexual Offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 700-725. <https://doi.org/10.1177/088626098013006003>

Weidacker, K., O'Farrell, K. R., Gray, N. S., Johnston, S. J., & Snowden, R. J. (2017). Psychopathy and impulsivity: The relationship of the triarchic model of psychopathy to different forms of impulsivity in offenders and community participants. *Personality and Individual Differences*, 114, 134–139. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.03.069>

Weydmann, G., Hauck Filho, N., & Bizarro, L. (2020). Acquiescent responding can distort the factor structure of the BIS/BAS scales. *Personality and Individual Differences*, 152(January 2019), 109563. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109563>

Yegidis, B. L. (1986). Date rape and other forced sexual encounters among college students. *Journal of Sex Education & Therapy*, 12(2), 51–54.

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Formulário de Consentimento Informado

O presente estudo visa a comparação entre dois tipos de ofensores sexuais (violadores e abusadores sexuais de menores), à luz dos seus traços psicopáticos, comportamento antissocial e respostas de inibição e evitamento. Sendo utilizados os instrumentos de avaliação CAPP-SR, TriPM e BIS/BAS.

A sua tarefa consiste em responder um conjunto de questionários de autorrelato de análise da personalidade.

Salienta-se que da sua participação no estudo, ou recusa em participar, não advêm quaisquer benefícios ou penalizações para si.

Reforça-se mais uma vez a importância da sua colaboração para uma melhor compreensão dos processos em estudo, garantindo-se que os seus resultados são estritamente anónimos e confidenciais. Os resultados não serão tratados de forma individual, mas apenas analisados em grupo e ninguém terá acesso aos seus dados individuais. Caso o solicite, serão fornecidos os resultados que vierem a ser divulgados em publicações científicas.

Caso deseje interromper o estudo, solicite-o ao experimentador, em qualquer momento.

Declaração

Eu, _____, declaro que aceito participar voluntariamente na pesquisa relacionada com a análise de dois tipos de ofensores sexuais conduzida por Sofia Almeida, no âmbito da dissertação de mestrado em Criminologia, da Faculdade de Direito da Universidade do Porto.

Fui esclarecido sobre os objetivos deste trabalho, tendo sido igualmente informado de que este estudo se realizará com recurso a instrumentos de avaliação psicológica. Foi-me transmitido que sou livre de interromper, parar e/ou desistir a qualquer momento do estudo. Fui informado de que da minha participação ou recusa em participar não advém qualquer benefício ou penalização. De igual modo, foi-me garantida a salvaguarda da confidencialidade e anonimato e fui informado de que os dados não serão tratados individualmente, mas apenas em grupo.

Tomei conhecimento dos objetivos do estudo e aceito que as informações decorrentes da minha participação sejam analisadas e utilizadas pela equipa científica, no âmbito deste estudo.

_____, ____ de _____ de _____

O participante

A investigadora

ANEXO 2: Questionário BIS/BAS

Direções: Segue-se um conjunto de afirmações que podem ser mais ou menos verdadeiras para cada pessoa. Para cada uma indique em que medida ela é verdadeira ou falsa no seu caso. Por favor, responda a todas as afirmações, não deixe nenhuma em branco. Escolha apenas uma resposta para cada afirmação. Por favor, seja o mais preciso e honesto possível. Responda a cada afirmação como se fosse a única afirmação. Isto é, não se preocupe em ser “consistente” nas suas respostas.

		É muito verdade para mim	Em parte é verdade para mim	Em parte é falso para mim	É muito falso para mim
1	A família é a coisa mais importante na vida.	1	2	3	4
2	Mesmo que algo de mau esteja prestes a acontecer-me, raramente sinto medo ou nervosismo.	1	2	3	4
3	“Faço os possíveis e os impossíveis” para conseguir o que quero.	1	2	3	4
4	Quando estou a sair-me bem em alguma coisa adoro continuar a fazê-la.	1	2	3	4
5	Estou sempre disposto a tentar coisas novas, se acho que vão ser divertidas.	1	2	3	4
6	A forma como me visto é importante para mim.	1	2	3	4
7	Quando consigo alguma coisa que quero, sinto-me entusiasmado e cheio de energia.	1	2	3	4
8	As críticas e as repreensões magoam-me bastante.	1	2	3	4
9	Quando quero alguma coisa normalmente faço tudo para a conseguir.	1	2	3	4
10	Farei frequentemente coisas só por serem divertidas.	1	2	3	4
11	É-me difícil encontrar tempo para fazer coisas, como cortar o cabelo.	1	2	3	4

		É muito verdade para mim	Em parte é verdade para mim	Em parte é falso para mim	É muito falso para mim
12	Se vejo uma oportunidade de conseguir alguma coisa que quero aproveito-a imediatamente.	1	2	3	4
13	Sinto-me bastante preocupado ou incomodado quando penso ou sei que alguém está zangado comigo.	1	2	3	4
14	Quando vejo uma oportunidade de conseguir alguma coisa que gosto fico imediatamente entusiasmado.	1	2	3	4
15	Frequentemente ajo “no calor do momento”.	1	2	3	4
16	Se acho que alguma coisa desagradável irá acontecer normalmente fico bastante transtornado.	1	2	3	4
17	Questiono-me frequentemente sobre o porquê das pessoas agirem do modo como agem.	1	2	3	4
18	Quando me acontecem coisas boas isso afeta-me fortemente.	1	2	3	4
19	Sinto-me preocupado quando acho que não fiz um bom trabalho em alguma coisa importante.	1	2	3	4
20	Eu desejo excitação e novas sensações.	1	2	3	4
21	Quando estou à procura de alguma coisa, para mim não existem barreiras.	1	2	3	4
22	Em comparação com os meus amigos, tenho poucos medos.	1	2	3	4
23	Ficaria entusiasmado por ganhar uma competição.	1	2	3	4
24	Preocupa-me cometer erros.	1	2	3	4

ANEXO 3: Questionário TriPM

Direções: Este questionário contém afirmações que diferentes pessoas poderiam usar para se descreverem a si próprias. Cada afirmação contém 4 opções: verdadeiro; moderadamente verdadeiro; moderadamente falso; e falso.

Para cada afirmação, assinale a opção que melhor o descreve. Não existem respostas corretas ou erradas; selecione apenas a que melhor o descreve.

Lembre-se: Assinale apenas uma opção por item. Se se enganar, risque a resposta incorreta e marque a opção correta. Responda a todos os itens. Por favor, responda rapidamente e não ocupe demasiado tempo em cada afirmação.

		Verdadeiro	Moderadamente Verdadeiro	Moderadamente Falso	Falso
1	Sou mais vezes otimista do que o contrário	1	2	3	4
2	O modo como os outros se sentem é importante para mim.	1	2	3	4
3	Ajo frequentemente com base em necessidades imediatas.	1	2	3	4
4	Não tenho um grande desejo de saltar de para-quedas de um avião.	1	2	3	4
5	Faltei frequentemente a coisas às quais prometi ir.	1	2	3	4
6	Gostaria de estar envolvido numa perseguição de carro a alta-velocidade.	1	2	3	4
7	Estou bem equipado para lidar com o stress.	1	2	3	4
8	Não me importo se alguém de quem não gosto se magoa.	1	2	3	4
9	As minhas decisões impulsivas causaram problemas com pessoas de quem gosto.	1	2	3	4
10	Assusto-me facilmente.	1	2	3	4
11	Sou solidário com os problemas dos outros.	1	2	3	4
12	Já faltei ao trabalho sem me preocupar em avisar.	1	2	3	4
13	Sou um líder nato.	1	2	3	4
14	Gosto de uma boa luta física.	1	2	3	4
15	Atiro-me de cabeça para as coisas sem pensar.	1	2	3	4
16	Tenho dificuldade em fazer com que as coisas resultem da forma que eu quero.	1	2	3	4

		Verdadeiro	Moderadamente Verdadeiro	Moderadamente Falso	Falso
17	Eu retribuo insultos.	1	2	3	4
18	No passado, meti-me em problemas porque faltei demasiado à escola.	1	2	3	4
19	Tenho queda para influenciar as pessoas.	1	2	3	4
20	Não me incomoda ver alguém sofrer.	1	2	3	4
21	Tenho um bom autocontrolo.	1	2	3	4
22	Funciono bem em situações novas, mesmo quando não estou preparado.	1	2	3	4
23	Às vezes gosto de intimidar as pessoas	1	2	3	4
24	Já tirei dinheiro da carteira de alguém sem pedir.	1	2	3	4
25	Não me considero talentoso.	1	2	3	4
26	Provoco as pessoas só para agitar as coisas.	1	2	3	4
27	As pessoas abusam frequentemente da minha confiança.	1	2	3	4
28	Tenho medo de muito menos coisas do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4
29	Não vejo por que me preocupar se o que faço magoa alguém.	1	2	3	4
30	Mantenho os compromissos que faço.	1	2	3	4
31	Muitas vezes aborreço-me rapidamente e perco o interesse.	1	2	3	4
32	. Consigo ultrapassar coisas que traumatizariam os outros.	1	2	3	4
33	Sou sensível aos sentimentos dos outros.	1	2	3	4
34	Já enganei pessoas para obter dinheiro delas.	1	2	3	4
35	Preocupo-me quando me meto numa situação que não me é familiar sem conhecer todos os detalhes.	1	2	3	4
36	Não sinto muita empatia pelas pessoas.	1	2	3	4
37	Meto-me em problemas por não considerar as consequências das minhas ações.	1	2	3	4
38	Consigo convencer as pessoas a fazerem o que eu quero.	1	2	3	4

		Verdadeiro	Moderadamente Verdadeiro	Moderadamente Falso	Falso
39	Para mim, a honestidade é mesmo a melhor prática.	1	2	3	4
40	Já magoei pessoas para as ver com dor	1	2	3	4
41	Não gosto de assumir a liderança de grupos.	1	2	3	4
42	Às vezes insulto as pessoas de propósito para obter uma reação delas.	1	2	3	4
43	Já tirei artigos de uma loja sem os pagar.	1	2	3	4
44	É fácil deixar-me envergonhado.	1	2	3	4
45	As coisas são mais divertidas se houver um pouco de perigo envolvido.	1	2	3	4
46	Tenho dificuldade em esperar pacientemente por coisas que quero.	1	2	3	4
47	Mantenho-me tão longe do perigo físico quanto posso.	1	2	3	4
48	Não me importo muito se o que faço magoa os outros.	1	2	3	4
49	Já perdi um amigo porque fiz coisas irresponsáveis.	1	2	3	4
50	Não sou muito bom comparado com a maioria das pessoas.	1	2	3	4
51	Outras pessoas já me disseram que estavam preocupadas pela minha falta de autocontrolo.	1	2	3	4
52	É fácil para mim identificar-me com as emoções das outras pessoas.	1	2	3	4
53	Já roubei alguém.	1	2	3	4
54	Nunca me preocupo em fazer “figuras tristes” em frente aos outros.	1	2	3	4
55	Não me incomoda quando as pessoas à minha volta estão a sofrer.	1	2	3	4
56	Já tive problemas no trabalho porque fui irresponsável.	1	2	3	4
57	Não sou muito bom a influenciar pessoas.	1	2	3	4
58	Já roubei alguma coisa de um veículo.	1	2	3	4

ANEXO 4: Questionário CAPP-SR

Direções: Este questionário contém declarações que diferentes pessoas podem usar para se descrever a si mesmas. Para cada declaração, selecione a opção que melhor o descreva. Não há respostas certas ou erradas, apenas escolha a que melhor o descreve.

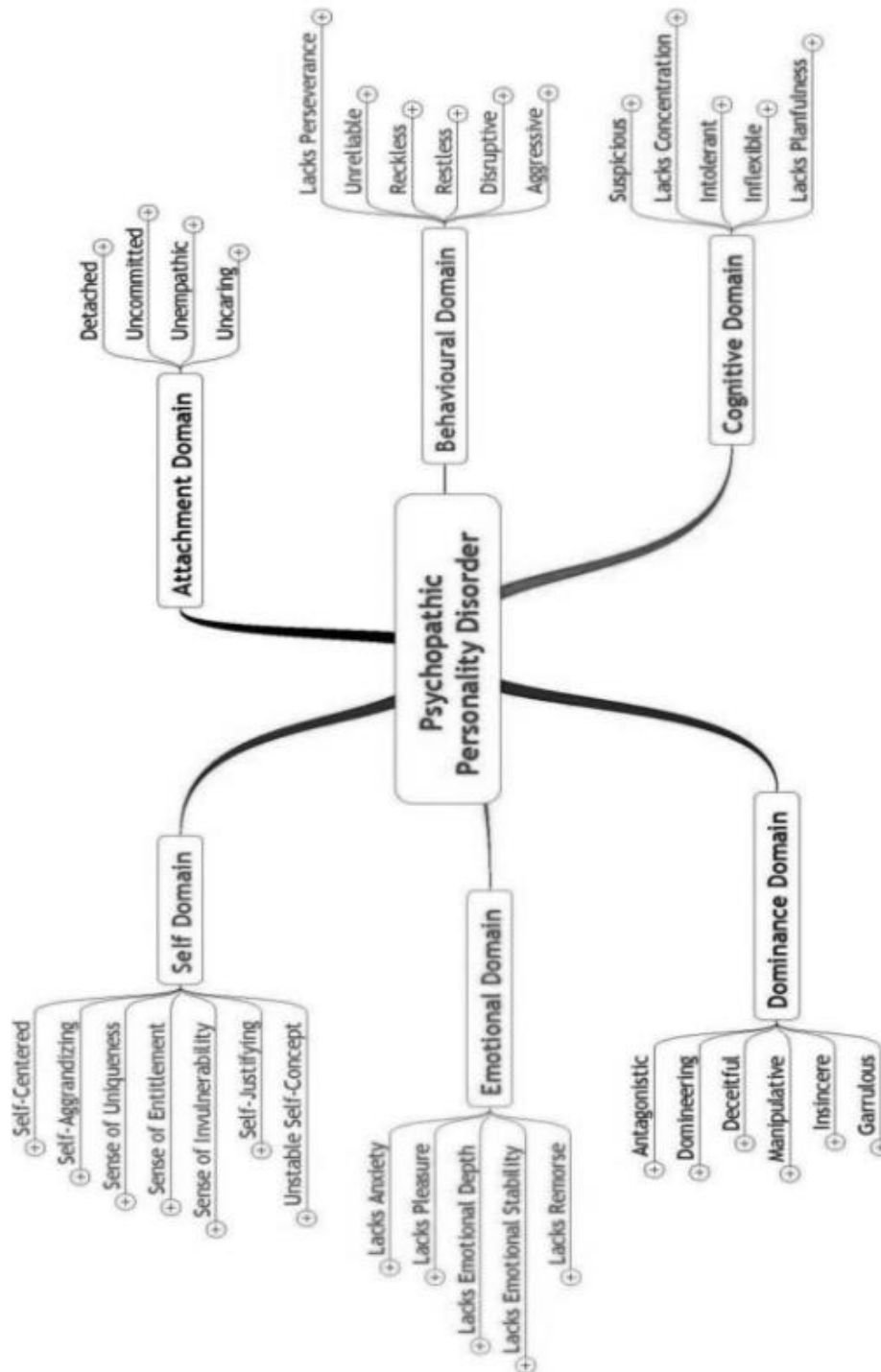
		Falso	Maioritariamente Falso	Maioritariamente Verdadeiro	Verdadeiro
1	Frequentemente, digo às pessoas o que eu acho que elas querem ouvir.	1	2	3	4
2	Sou uma pessoa teimosa.	1	2	3	4
3	Odiaria magoar os sentimentos de outra pessoa.	1	2	3	4
4	Intimido as pessoas à minha volta, se necessário.	1	2	3	4
5	Algumas pessoas provavelmente acham-me um pouco desagradável, mas eu não quero saber.	1	2	3	4
6	Normalmente estou relaxado e confiante num grupo de estranhos.	1	2	3	4
7	Acho difícil desistir de uma discussão, mesmo que esteja a perder.	1	2	3	4
8	Distraio-me facilmente.	1	2	3	4
9	Eu ressinto-me de pessoas em posições de autoridade.	1	2	3	4
10	Eu posso continuar a contar histórias só para impressionar as pessoas.	1	2	3	4
11	Sinto-me alegre frequentemente.	1	2	3	4
12	Tento assumir frequentemente uma posição de liderança.	1	2	3	4
13	Costumo agir sem pensar.	1	2	3	4
14	Não tenho dificuldades em manter-me focado numa tarefa.	1	2	3	4
15	Costumo meter-me em problemas por não fazer planos a longo prazo.	1	2	3	4
16	Não é preciso muito para me “saltar a tampa”.	1	2	3	4
17	Corro muitos riscos.	1	2	3	4
18	Frequentemente, é-me difícil prestar atenção às coisas.	1	2	3	4
19	A minha visão de mim próprio é bastante estável.	1	2	3	4
20	Eu prefiro estar no comando.	1	2	3	4
21	Já usei "palavras complicadas" para parecer inteligente.	1	2	3	4
22	Tenho qualidades especiais.	1	2	3	4
23	Normalmente estou calmo em situações que outros acham stressantes.	1	2	3	4
24	Admito que sou difícil de controlar.	1	2	3	4
25	Fico irritado com muita facilidade.	1	2	3	4

		Falso	Maioritariamente Falso	Maioritariamente Verdadeiro	Verdadeiro
26	Estou, maioritariamente, apenas interessado em coisas que se aplicam a mim.	1	2	3	4
27	Não tenho qualquer problema em ser violento com outros se a situação o exigir.	1	2	3	4
28	As pessoas já me descreveram como solitário.	1	2	3	4
29	Frequentemente sinto que socializar com outros é irritante ou desagradável.	1	2	3	4
30	Posso ser muito manhoso.	1	2	3	4
31	Sou muito bom a mentir.	1	2	3	4
32	Normalmente sou otimista.	1	2	3	4
33	Sou frequentemente descrito como uma pessoa bondosa.	1	2	3	4
34	A maior parte das pessoas acha que sou superior a elas.	1	2	3	4
35	Faço questão de manter as minhas promessas.	1	2	3	4
36	A pessoas frequentemente queixam-se que eu não me consigo manter quieto.	1	2	3	4
37	Parece que discuto com outros por nenhuma razão.	1	2	3	4
38	Frequentemente acho que tenho de ser assertivo para obter o que mereço.	1	2	3	4
39	Ser infiel não me incomoda.	1	2	3	4
40	Já me disseram que me recuso a aceitar responsabilidade pelas minhas ações.	1	2	3	4
41	Eu sou (ou serei, um dia) muito famoso.	1	2	3	4
42	Ser vago é frequentemente uma boa tática.	1	2	3	4
43	Sinto-me mal quando faço algo de errado.	1	2	3	4
44	Consigo facilmente relacionar-me com os sentimentos dos outros.	1	2	3	4
45	Tenho dificuldade em estar sentado quieto por longos períodos de tempo.	1	2	3	4
46	As pessoas que não concordam comigo são idiotas.	1	2	3	4
47	Eu digo que farei coisas mas raramente sigo em frente.	1	2	3	4
48	Estar perto dos outros é muito importante para mim.	1	2	3	4
49	Uso violência para controlar os outros.	1	2	3	4
50	Sou uma pessoa muito importante.	1	2	3	4
51	Acho que a vida está cheia de coisas gratificantes.	1	2	3	4
52	Muito poucas coisas me assustam.	1	2	3	4
53	Encontro-me frequentemente em discussões com os outros.	1	2	3	4
54	A maioria das pessoas são geralmente perdedoras.	1	2	3	4
55	Fico aborrecido facilmente e perco o foco.	1	2	3	4

		Falso	Maioritariamente Falso	Maioritariamente Verdadeiro	Verdadeiro
56	Frequentemente fico aborrecido ou perco a concentração quando uma conversa não se foca em mim ou nos meus interesses.	1	2	3	4
57	Honestamente, não quero saber das opiniões dos outros.	1	2	3	4
58	Anteriormente já me chamaram irrefletido.	1	2	3	4
59	Frequentemente acabo por pagar pelos erros dos outros.	1	2	3	4
60	Acredito que posso enfrentar qualquer desafio e prevalecer.	1	2	3	4
61	Não sentiria culpa se as minhas palavras ou ações chateassem alguém.	1	2	3	4
62	Planeio as coisas cuidadosamente.	1	2	3	4
63	Frequentemente questiono-me sobre quem sou.	1	2	3	4
64	Eu mereço tratamento especial.	1	2	3	4
65	Perco rapidamente o interesse nas tarefas que comecei.	1	2	3	4
66	Posso ser visto como exigente, mas também sou merecedor.	1	2	3	4
67	Acho que dizer a verdade é a melhor política.	1	2	3	4
68	Culpam-me por demasiadas coisas que correm mal.	1	2	3	4
69	Eu simplesmente não sinto muito pelas outras pessoas.	1	2	3	4
70	Mantenho os compromissos que fiz.	1	2	3	4
71	Frequentemente outros chamam-me preguiçoso.	1	2	3	4
72	Ver outros a sentir dor não me incomoda muito.	1	2	3	4
73	Eu tendo a transmitir muita informação às pessoas só para dar a impressão de que sou cooperativo.	1	2	3	4
74	Não mantenho o mesmo grupo de amigos durante muito tempo, a menos que me sejam úteis.	1	2	3	4
75	Normalmente sinto-me justificado ao magoar os outros porque eles terão merecido.	1	2	3	4
76	É importante seguir regras.	1	2	3	4
77	Já tomei muitas decisões precipitadas sem as pensar totalmente.	1	2	3	4
78	Raramente falho.	1	2	3	4
79	As outras pessoas estão a maioria das vezes no meu caminho.	1	2	3	4
80	Eu não me importo de me aproveitar dos outros para alcançar os meus objetivos.	1	2	3	4
81	Geralmente vêem-me como uma pessoa atenciosa.	1	2	3	4
82	Por vezes é necessário explorar outros para progredir na vida.	1	2	3	4

		Falso	Maioritariamente Falso	Maioritariamente Verdadeiro	Verdadeiro
83	Os outros parecem pensar que não sou emocionalmente expressivo.	1	2	3	4
84	Sou um pouco inquieto.	1	2	3	4
85	Sou uma pessoa organizada.	1	2	3	4
86	Os outros parecem frustrados comigo por pensarem que eu sou rígido ou inflexível.	1	2	3	4
87	A maioria das pessoas inveja as minhas habilidades.	1	2	3	4
88	As pessoas tendem a achar que o meu humor é imprevisível.	1	2	3	4
89	Normalmente é melhor se os outros só fizerem o que eu lhes digo para fazerem.	1	2	3	4
90	Não consigo deixar de sentir que falta algo de importante em mim.	1	2	3	4
91	Não tenho medo de correr riscos.	1	2	3	4
92	É saudável confiar nas pessoas.	1	2	3	4
93	À exceção de raiva, nunca fui alguém que expressa emoções.	1	2	3	4
94	Mentir não me incomoda.	1	2	3	4
95	Não confio em ninguém.	1	2	3	4
96	Por vezes, é francamente necessário manipular outros, para alcançar algo.	1	2	3	4
97	Tenho pouca ou nenhuma lealdade para com os outros.	1	2	3	4
98	Quando comparado com outros, tendo a destacar-me.	1	2	3	4
99	Estou sempre de olho no que os outros me poderão fazer.	1	2	3	4

ANEXO 5: Modelo Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP)



Nota: Em Capturing the Psychopathic Female: A Prototypicality Analysis of the Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP) Across Gender (5), de Kreis e Cooke, 2011, Wiley Online Library (<https://doi.org/10.1002/bsl.1003>).

ANEXO 6: Correlações entre os domínios dos instrumentos

		<i>Attachm</i>	<i>Behavio</i>	<i>Cognit</i>	<i>Dominan</i>	<i>Emotiona</i>		Malvad		Desinib	BAS-	BAS-	BAS-	
		<i>ent</i>	<i>ral</i>	<i>ive</i>	<i>ce</i>	<i>l</i>	<i>Self</i>	<i>ez</i>	Ousadia	ição	D	FS	RR	BIS
<i>Attachment</i>	Correlação de Pearson	1	,537**	,464**	,510**	,403**	,384**	,493**	-,054	,273*	,106	,224*	,111	-,065
<i>Behavioral</i>	Correlação de Pearson	,537**	1	,723**	,448**	,505**	,424**	,358**	-,157	,517**	,213	,282*	,207	,200
<i>Cognitive</i>	Correlação de Pearson	,464**	,723**	1	,565**	,655**	,514**	,482**	-,121	,472**	,305**	,286**	,212	,201
<i>Dominance</i>	Correlação de Pearson	,510**	,448**	,565**	1	,611**	,608**	,465**	,248*	,319**	,330**	,400**	,156	-,170
<i>Emotional</i>	Correlação de Pearson	,403**	,505**	,655**	,611**	1	,564**	,423**	,148	,301**	,398**	,320**	,317**	,085
<i>Self</i>	Correlação de Pearson	,384**	,428**	,514**	,599**	,541**	1	,264*	,167	,154	,294**	,285**	,317**	,131
Malvadez	Correlação de Pearson	,493**	,358**	,482**	,465**	,423**	,264*	1	,061	,483**	-,031	,235*	-,087	-,288**
Ousadia	Correlação de Pearson	-,054	-,157	-,121	,248*	,148	,184	,061	1	-,008	,220*	,361**	,108	-,349**
Desinibição	Correlação de Pearson	,273*	,517**	,472**	,319**	,301**	,151	,483**	-,008	1	,166	,287**	,181	,066
BAS-D	Correlação de Pearson	,106	,213	,305**	,330**	,398**	,301**	-,031	,220*	,166	1	,527**	,521**	,170
BAS-FS	Correlação de Pearson	,224*	,282*	,286**	,400**	,320**	,295**	,235*	,361**	,287**	,527**	1	,398**	-,034
BAS-RR	Correlação de Pearson	,111	,207	,212	,156	,317**	,322**	-,087	,108	,181	,521**	,398**	1	,355**
BIS	Correlação de Pearson	-,065	,200	,201	-,170	,085	,118	-,288**	-,349**	,066	,170	-,034	,355**	1

Nota: *: $p\text{-value} < ,05$; **: $p\text{-value} < ,01$.

ANEXO 7: Teste das hipóteses do Grupo 1

	Tipo de Crime	N	Média	Desvio Padrão	Erro de média padrão
<i>Attachment</i>	Abuso Sexual de Menores	48	20,85	4,85	0,70
	Violação	35	21,08	5,60	0,95
<i>Behavioral</i>	Abuso Sexual de Menores	48	34,75	6,49	0,94
	Violação	35	34,74	8,36	1,41
<i>Cognitive</i>	Abuso Sexual de Menores	48	31,10	6,90	0,99
	Violação	35	28,40	8,08	1,36
<i>Dominance</i>	Abuso Sexual de Menores	48	31,31	7,12	1,03
	Violação	35	29,66	6,88	1,16
<i>Emotional</i>	Abuso Sexual de Menores	48	31,12	5,32	0,76
	Violação	35	28,66	6,01	1,016
<i>Self</i>	Abuso Sexual de Menores	48	49,48	10,62	1,59
	Violação	35	47,80	8,46	1,52
Malvadez	Abuso Sexual de Menores	48	9,85	6,72	0,97
	Violação	35	11,00	9,89	1,67
Ousadia	Abuso Sexual de Menores	48	23,33	7,22	1,04
	Violação	35	27,14	7,79	1,32
Desinibição	Abuso Sexual de Menores	48	22,23	10,46	1,51
	Violação	35	27,23	13,77	2,33
BAS-D	Abuso Sexual de Menores	48	12,14	3,12	0,45
	Violação	35	12,20	3,58	0,61
BAS-FS	Abuso Sexual de Menores	48	10,98	2,93	0,42
	Violação	35	12,06	2,75	0,46
BAS-RR	Abuso Sexual de Menores	48	17,35	2,46	0,35
	Violação	35	17,17	2,73	0,46
BIS	Abuso Sexual de Menores	48	17,39	2,92	0,42
	Violação	35	16,06	3,83	0,65

ANEXO 8: Teste das hipóteses do Grupo 2

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferença média
Malvadez (valor de teste = 10.1)	0,264	82	0,792	0,24
Desinibição (valor de teste = 15.1)	6,931	82	<,001	9,24
Ousadia (valor de teste = 29.3)	-5,187	82	<,001	-4,36
<i>Attachment</i> (valor de teste = 20.5)	0,799	82	0,426	0,45
<i>Behavioral</i> (valor de teste = 35.4)	-,816	82	0,417	-0,65
<i>Cognitive</i> (valor de teste = 31.3)	-1,623	82	0,108	-1,34
<i>Dominance</i> (valor de teste = 33.8)	-4,131	82	<,001	-3,18
<i>Emotional</i> (valor de teste = 29.8)	0,453	82	0,652	0,28
<i>Self</i> (valor de teste = 46.5)	2,123	82	0,037	2,27